



Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

Vasco Henrique Carvalho Pinto

Relatório Final de Estágio Profissional apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para a obtenção do Grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

Orientado por:

Professor Ricardo Nuno Chéu Figueira Líbano

Bragança

Novembro de 2016

Dedicatória
Aos meus pais

Agradecimentos

"O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis."

Fernando Pessoa

Agradeço aos meus pais toda a força e todo incentivo que me deram ao longo de toda a minha jornada académica, pois apesar das minhas decisões eles sempre me apoiaram.

Aos meus seis irmãos, aos meus cunhados e sobrinhos, que sempre me ajudaram direta ou indiretamente pois foi com eles as minhas primeiras experiências no ensino infantil.

À minha namorada e companheira Alexandra Marinho, por me incentivar e nunca sair do meu lado quando o tempo era escasso.

A todos os meus amigos, colegas e professores que foram a escada de subida para a minha carreira profissional, principalmente ao meu grande amigo de longa data João Ribeiro, que literalmente me arrastava todos os fins-de-semana para Bragança ajudando-me muito neste percurso.

A todos os meus amigos dos projetos: Musiminho e Suspensórios, que me ajudaram a crescer musicalmente.

Ao professor Ricardo Nuno Chéu Figueira Líbano pela dedicação e paciência que sempre demonstrou ao orientar este trabalho.

A todos os alunos da Prática de Ensino Supervisionada, mas também, a todas as crianças e idosos com que trabalho todos os dias e me dão a satisfação e felicidade de continuar a trabalhar nesta área.

A todos um muito obrigado.

Resumo

Neste trabalho, para além, da descrição das estratégias escolhidas para a realização da Prática de Ensino Supervisionado e da caracterização das escolas que me acolheram, também, pretendo expor a visão teórica dos temas em que baseei a minha ação educativa. O primeiro ponto relaciona-se com a Importância da Música no Quotidiano, o segundo com a Importância da Música no Ensino, o terceiro com a Música do Quotidiano na Sala de Aula – a sua importância no incremento da motivação. Ao longo, deste trabalho, pretendo realçar enumeras perspectivas de como a sociedade e a cultura influenciam o quotidiano do aluno, quer no plano do ensino musical, quer ao nível das outras áreas de ensino.

Ao longo deste estudo, procurei envolver o aluno nas dinâmicas a desenvolver na sala de aula, nomeadamente, nas escolhas musicais de modo a cativar o seu interesse na aprendizagem dos diversos conteúdos, o que se revelou bastante produtivo. Neste sentido, pretendo demonstrar e dinamizar uma prática letiva que pode representar uma alternativa aos atuais paradigmas de ensino.

Palavras-chave: Música, Quotidiano, Identidade, Motivação.

Abstract

In this work, besides the description of the strategies chosen for the Supervised Teaching Practice and the characterization of the schools that welcomed me in this curricular unit, I also intend to present the theoretical vision of the themes on which I based my educational action. The first point relates to the Importance of Music in Everyday Life, the second with the Importance of Music in Teaching, the third with the Everyday life. Music in the Classroom - the importance in the increasing motivation. Throughout this work, I intend to highlight a number of perspectives on how society and culture influence students' daily lives, both in terms of musical education and in other teaching areas.

Throughout this study, I tried to involve the student in the dynamics to be developed in the classroom, namely, in the musical choices in order to captivate his interest in learning the various contents, which proved to be quite productive. In this sense, I intend to demonstrate and dynamize a teaching practice, which may represent an alternative to current teaching paradigms.

Keywords: Music, Everyday, Identity, Motivation.

Índice

Introdução.....	11
Prática de Ensino supervisionada – Contextualização do meio escolar	13
1º Ciclo de Ensino Básico	14
2º Ciclo de Ensino Básico	14
3º Ciclo de Ensino Básico	15
Caracterização da escola.....	16
1º Ciclo de Ensino Básico	16
2º Ciclo de Ensino Básico	17
3º Ciclo do Ensino Básico	18
Caracterização da sala de aula	19
1º Ciclo do Ensino Básico	19
2º Ciclo do Ensino Básico	20
3º Ciclo do Ensino Básico	21
Caracterização das turmas	22
1º Ciclo do Ensino Básico	22
2º Ciclo do Ensino Básico	23
3º Ciclo do Ensino Básico	24
Quadro teórico e conceptual.....	26
A importância da música no quotidiano	26
A importância da música no ensino	28
Música do Quotidiano na Sala de Aula – a sua importância no incremento da motivação.....	31
Ação Educativa.....	36
1º Ciclo do Ensino Básico.....	37
Reflexões e conclusões.....	41

2º Ciclo do Ensino Básico.....	43
Reflexões e conclusões.....	47
3º Ciclo do Ensino Básico.....	49
Reflexões e Conclusões.....	53
Conclusão	55
Bibliografia.....	56
Anexos.....	60

Índice de figuras

Figura 1 – Localização geográfica da freguesia do Rego.....	14
Figura 2 – Localização geográfica do Agrupamento de Escolas do Vale de S. Torcato.....	15
Figura 3 – Escola de Vila Boa.....	17
Figura 4 – Escola E B 2, 3/S de Celorico de Basto.....	18
Figura 5 – Escola E,B 2e3 de S. Torcato.....	19
Figura 6 – Planta da sala de aula do 1ºCEB.....	20
Figura 7 – Planta da sala de aula do 2ºCEB.....	21
Figura 8 - Planta da sala de aula do 3º CEB.....	22
Figura 9 – Trecho da canção das Janeiras intitulada “Haja alegria”.....	41
Figura 10 – Exemplo de slide do PowerPoint sobre os instrumentos tradicionais.....	41
Figura 11 – Exemplo de um vídeo acerca dos instrumentos tradicionais.....	42
Figura 12 – Partitura da peça “La Primavera” de Vivaldi.....	44
Figura 13 – Partitura do arranjo para a música “Balada do Desajeitado”.....	46
Figura 14 – Página do manual Play 6 com a partitura da música “Everybody Knows”.....	48
Figura 15 – Partitura da peça “Alecrim”.....	51
Figura 16 – Exemplo do exercício multimédia com a peça “Por quem eu não esqueci”.....	52
Figura 17 – Exemplo do exercício multimédia com a peça “Knockin on Heavens’s Door”.....	53

Índice de tabelas e gráficos

Gráfico 1 – Relação de género da turma do 1ºCEB.....	23
Gráfico 2 – Relação de género da turma do 2ºCEB.....	24
Gráfico 3 – Relação de género da turma do 3ºCEB.....	24

Índice de Anexos

Anexo 1 – Canção Das Janeiras.....	60
Anexo 2 – Canção criada para o concurso “Heróis da Fruta”.....	61
Anexo 3 – Canção “Luísa” interpretada pelos alunos do 2º CEB.....	62
Anexo 4 – Informações sobre Neil Hannon.....	63
Anexo 5 – Informações sobre o grupo D.A.M.A.....	64
Anexo 6 - Ficha de avaliação 2º Ciclo do Ensino Básico.....	65
Anexo 7 – Música “Por quem eu não esqueci” com os acordes para a guitarra.....	67
Anexo 8 – Música “Dunas” com os acordes para a guitarra.....	68
Anexo 9 – Planificação anual para a disciplina de Música no 4º ano. Agrupamento de escolas de Celorico de Basto.....	69
Anexo 10 – Quadro representativo do instrumental Orff e suas respetivas famílias.....	70

Índice de abreviaturas

PES – Prática de Ensino Supervisionado

CEB – Ciclo do Ensino Básico

AEC – Área de Enriquecimento Curricular

Introdução

*Pobre velha música!
Não sei por que agrado,
Enche-se de lágrimas
Meu olhar parado.*

(Fernando Pessoa in “Cancioneiro”)

O meu ingresso neste ciclo de estudos surgiu da necessidade, enquanto professor de música, de estudar novas técnicas e métodos de ensino, bem como, inteirar-me da atuação do professor em contexto de sala de aula e planificação dos conteúdos a lecionar ao longo do ano letivo. Ao lecionar Educação Musical no Primeiro Ciclo do Ensino Básico, uma das grandes dificuldades com que me deparei, relacionou-se com a escolha das canções, porque, teriam que ser adequadas em primeiro lugar ao ensino básico e em segundo lugar teriam que ser estimulantes.

Em simultâneo, sentia um enorme obstáculo na planificação das aulas e dos conteúdos a abordar, o que veio a alterar-se com a frequência deste ciclo de estudos. Por norma, a escolha das canções que são trabalhadas por mim em contexto de aula, acompanhavam as tendências musicais, técnica que adotei na minha Prática de Ensino Supervisionada. Nessa medida, pretendia transportar para a sala de aula a música do quotidiano, ouvida na rádio, televisão e internet e através dela, trabalhar os diferentes conteúdos programáticas.

Na minha perspetiva, no ensino musical, o gosto individual de cada aluno deve ser ponderado e tomado em consideração. Este ponto de vista enfatizado pelo facto de na atualidade estarem a surgir constantemente novos artistas com novas canções. Neste sentido, o gosto musical por alguns estilos em detrimento de outros, que cada indivíduo manifesta, no contexto de sala de aula, deve ser motivo de ponderação do docente nas escolhas dos temas para o processo de ensino/aprendizagem.

Jaffurs (2006) afirma que “o estilo de música por meio do qual os alunos aprendem de modo informal é frequentemente a música pop” (Jaffurs, 2006, p. 7), no mesmo sentido, Lucy Green (2002) considera que os "Aprendizes escolhem a própria música,

aquela que já lhes é familiar, de que gostam e fortemente se identificam com ela" (Green, 2002, p.65). Na minha perspectiva, e concordando com as afirmações dos autores, os professores de música devem optar por canções com que os alunos se identifiquem, independentemente do estilo musical, desde que se enquadre no contexto de sala de aula.

Deste modo, como forma de descrever o percurso que realizei, optei por dividir este trabalho em três capítulos. No primeiro, será realizada uma contextualização do meio escolar, da turma e da própria sala onde foi concretizada a minha Prática de Ensino Supervisionada. O segundo servirá como uma revisão teórica dos temas que tiveram uma relevância significativa no meu percurso, tais como, a importância da música no cotidiano, no ensino e música do cotidiano na sala de aula e a sua importância no incremento da motivação. O terceiro e último capítulo, descreverá o processo da Prática de Ensino Supervisionada, assim como, todas as estratégias e metodologias utilizadas nas aulas que lecionei.

Capítulo I

Prática de Ensino supervisionada – Contextualização do meio escolar

1º Ciclo de Ensino Básico

A Escola Básica de Vila Boa (Figura 3) situa-se na freguesia do Rego (Figura 1), concelho de Celorico de Basto, distrito de Braga e é a única escola do Agrupamento de Escolas de Celorico de Basto que não foi integrada em nenhum Centro Escolar. Esta escola situa-se perto da igreja e de toda a zona central desta freguesia que é uma das maiores do concelho contando com 1241 habitantes (2011).



Figura 1 – Localização geográfica da freguesia do Rego¹

2º Ciclo de Ensino Básico

A Escola Básica e Secundária de Celorico de Basto (Figura 4) é a sede do Agrupamento de Escolas de Celorico de Basto e situa-se no centro do concelho na Rua Dr. Baltazar Rebelo de Sousa, N° 716, freguesia de Gémeos, Celorico de Basto. Esta encontra-se num local privilegiado perto de uma zona verde, da Câmara Municipal e de valências como a piscina, os auditórios, a biblioteca municipal e dos Correios.

Este Agrupamento de Escolas é composto por dezoito estabelecimentos de ensino, nomeadamente, uma escola do 2º, 3º CEB e secundário, duas escolas do 2º e 3º CEB, quatro escolas do 1º CEB e onze jardins-de-infância. Esta escola sede é um estabelecimento de ensino de grandes dimensões, sendo a maior do concelho e na qual se

¹ Imagem retirada de [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rego_\(Celorico_de_Basto\)#/media/File:CBasto_96.PNG](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rego_(Celorico_de_Basto)#/media/File:CBasto_96.PNG) em 18-09-2016.

lecciona o 2º e 3º ciclos do ensino básico e o ensino secundário, e tendo também como oferta formativa os Cursos Profissionais.

3º Ciclo de Ensino Básico

A Escola Básica do 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico (Figura 5) é a sede do Agrupamento Vertical de Escolas do Vale de S. Torcato e situa-se na Vila de S. Torcato, concelho de Guimarães, na rua Padre Arieira 860, bem no centro da vila e perto do mosteiro de São Torcato (Figura 2). Este Agrupamento é composto por seis estabelecimentos de ensino, designadamente, uma escola do 2º e 3º CEB e cinco escolas do 1º CEB.



Figura 2 – Localização geográfica do Agrupamento de Escolas do Vale de S. Torcato²

² Imagem retirada de <https://www.google.pt/maps/place/Agrupamento+de+Escolas+do+Vale+de+S.+Torcato/@41.4817735,-8.2629088,15z/data=!4m5!3m4!1s0x0:0x3726848b6c4a9322!8m2!3d41.4817735!4d-8.2629088> em 18-09-2016

Caracterização da escola

1º Ciclo de Ensino Básico

De acordo com o modelo organizacional que se tem vindo a implementar no sistema de ensino português e privilegiando a centralização do ensino, em 2010 o Agrupamento de Escolas de Celorico de Basto sofreu grandes alterações nas suas infraestruturas escolares com o encerramento das diversas escolas espalhadas pelo concelho, e que, na maioria dos casos, correspondia a uma escola por freguesia. A partir dessa altura, as escolas foram-se agrupando e passaram a funcionar em quatro centros escolares localizados em pontos centrais do concelho, abrangendo, assim, cada um deles diversas freguesias.

A Escola Básica de Vila Boa é uma das mais antigas escolas do concelho e a mais antiga do agrupamento face à atual organização do sistema escolar. É, no entanto, a única que ainda se mantém em funcionamento devido ao número de alunos que consegue reunir. É composta por quatro salas de aula e uma cantina. Apenas duas salas estão a ser utilizadas para lecionar, enquanto as outras duas têm vindo a ser utilizadas como salas de apoio e/ou para armazenamento de material escolar. A escola está devidamente vedada e é composta por um campo polidesportivo ao ar livre, onde normalmente os alunos praticam atividade física.

O facto de serem apenas utilizadas duas salas está relacionado com o reduzido número de alunos por turma. Além disso, por cada sala estão reunidos dois anos de escolaridade diferentes: o 1º ano com o 3º ano e o 2º ano com o 4º ano, originando, assim, duas turmas. A junção dos anos letivos nos moldes acima mencionados, diz apenas respeito à professora titular de turma, pois, relativamente ao ensino das AEC, as turmas são divididas por ano de escolaridade.

A população desta freguesia vive maioritariamente da agricultura e de trabalhos industriais. Refiro ainda que se trata de uma população com baixo nível de escolaridade, mas que, na maioria dos casos, demonstra ter muita participação na vida escolar.



Figura 3 – Escola Básica de Vila Boa³

2º Ciclo de Ensino Básico

A Escola Básica e Secundária de Celorico de Basto localiza-se na zona suburbana do concelho e é o único estabelecimento de ensino que faculto o acesso ao ensino secundário na oferta formativa na vertente dos cursos Científico-Humanísticos. A escola, ganha maior relevo por ser a sede do Agrupamento de Escolas. Esta é composta por cinco pavilhões: o pavilhão um integra a direção, os serviços administrativos, a biblioteca escolar, duas salas de informática e uma sala de música; os pavilhões dois e três são constituídos por salas de aulas; no pavilhão quatro, localiza-se o refeitório, a papelaria e o bar que faz parte integrante da sala de convívio; por último, o pavilhão cinco é constituído por várias salas de aulas e laboratórios. Existem ainda, dois campos desportivos multiusos onde se pratica a atividade física, sendo um ao ar livre e o outro coberto.

Esta escola oferece, atualmente, diferentes atividades extracurriculares: clube desportivo, clube de música e clube de matemática, permitindo assim, motivar os alunos para as aprendizagens e dinamizar o meio escolar.

Importante referir que esta escola sede se situa no centro da vila de Celorico de Basto onde os seus habitantes vivem maioritariamente dos serviços, da indústria e, com menor relevo, da agricultura. Comparando com a população da freguesia da escola referida no ponto anterior, verifica-se que o nível de escolaridade desta população é superior mas menos participativa na vida escolar.

³ Imagem retirada de https://www.google.pt/search?q=escola+de+vila+boa+rego&espv=2&biw=1366&bih=638&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj4ad453QAhUFXRQKHQU6BkAQ_AUIBygC#tbn=isch&q=escola+do+rego+celorico&imgsrc=E1CftSBOIvSPXM%3A a 18-09-2016



Figura 4 – Escola Básica e Secundária de Celorico de Basto⁴

3º Ciclo do Ensino Básico

A escola E B 2,3 de S. Torcato é a sede do Agrupamento de Escolas do Vale de S. Torcato e situa-se na freguesia de S. Torcato, concelho de Guimarães. A proximidade desta freguesia do centro do concelho de Guimarães tem provocado enormes alterações na freguesia de S. Torcato, que tem vindo a desassociar-se do cariz tradicionalmente rural a que estava ligada.

As principais atividades económicas da freguesia de S. Torcato são a indústria e a construção civil. No entanto, nos últimos anos, a população mais jovem tem ido à procura de trabalho para outras cidades e até mesmo para outros países. O nível de escolaridade desta população, e por conseguinte dos encarregados de educação, é bastante limitado, pelo que, as perspetivas de futuro destes alunos são reduzidas, fator que, enfatiza a desmotivação e o desinteresse pelo prosseguimento dos estudos.

Este agrupamento é constituído por 1020 alunos, sendo 140 do pré-escolar, 332 do 1º ciclo, 170 do 2º ciclo, 306 do 3º ciclo e 72 frequentam cursos vocacionais (Plano Plurianual de Melhoria 2014-2017). Na experiência vivida, pude verificar que não havia muita participação por parte da comunidade na vida escolar.

⁴ Imagem retirada de <https://celoricoonline.wordpress.com/e-bom-viver-em-celorico/> em 19-09-2016



Figura 5 – Escola E,B 2e3 de S. Torcato⁵

Caracterização da sala de aula

1º Ciclo do Ensino Básico

A sala de aula estava dividida por dois grupos de mesas. O primeiro grupo situava-se no lado esquerdo da sala, onde existia um conjunto aglomerado de mesas dispostas de forma retangular e onde se sentavam os alunos do 4º ano. O segundo grupo de mesas encontrava-se no lado direito da sala, sendo composto por um conjunto mais pequeno de mesas retangulares e uma mesa redonda, onde se sentavam os alunos do 2º ano (Figura 6).

Durante as aulas que presenciei e lecionei, só estavam presentes os alunos do 4º ano que se sentavam no lado esquerdo da sala em mesas dispostas de forma retangular. À frente da sala, havia um quadro e uma secretária para o professor. Ao fundo, havia armários com materiais de apoio e uma pequena secretária com um computador e uma impressora. Rasgavam a parede do lado direito da sala, três janelas que deixavam entrar muita luz natural.

⁵ Imagem retirada de <http://www.jf-storcato.com/g/8> a 19-09-2016.

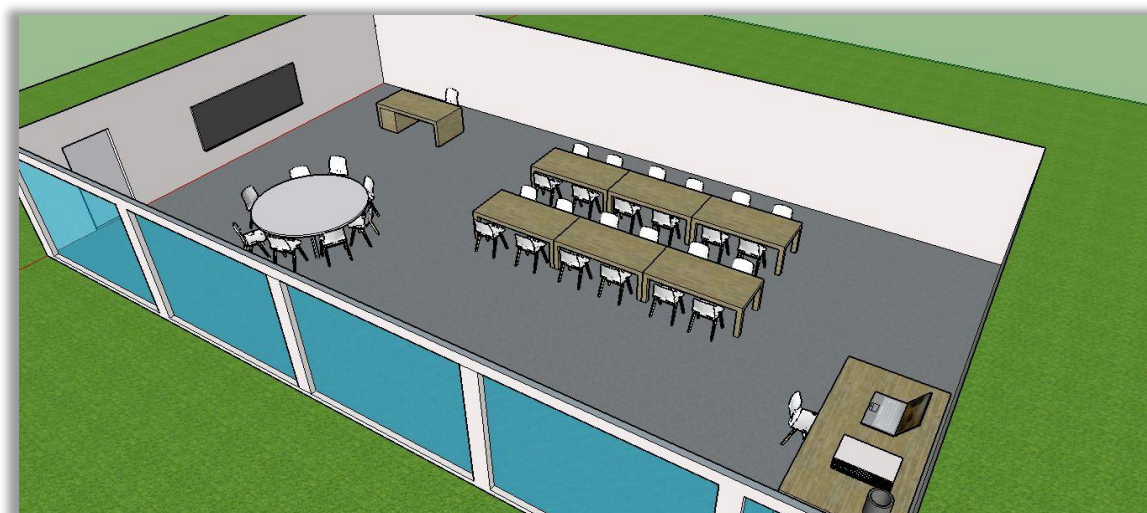


Figura 6 – Planta da sala de aula do 1ºCEB⁶

2º Ciclo do Ensino Básico

Na Escola Básica e Secundária de Celorico de Basto há uma única sala de aula (Figura 7) afeta à disciplina de Educação Musical e onde se encontra todo o material necessário, evitando-se assim, a dispersão dos instrumentos e de outros recursos por outros espaços da escola. O mobiliário era constituído por mesas e cadeiras individuais, dispostas do lado direito encontrando-se encostadas umas às outras formando cinco filas. À frente havia um quadro liso e outro pautado, vocacionado para o ensino da música. Havia ainda uma porta que permitia o acesso a um espaço de pequenas dimensões, onde se encontrava guardado e organizado todo o material musical que a escola dispunha. Esse material não era muito diversificado, existindo apenas algum instrumental Orff⁷, como xilofones e um jogo de sinos, para além de uma guitarra e um rádio com leitor de cd. Na secretária do professor havia um computador com acesso à internet.

Importa mencionar que toda a sala era forrada a cortiça de modo a melhor a acústica e evitar que o som das aulas de Educação Musical se propagasse pela escola, podendo causar perturbações em outras salas de aulas.

⁶ Maquete elaborada por Vasco Pinto.

⁷ Os instrumentos Orff (pensados por Carl Orff) são instrumentos de sala de aula. Estes foram projetados e adaptados para todas as crianças terem acesso à música. Todos os instrumentos de sala de aula, com exceção da Flauta de Bisel, são instrumentos de percussão (pois são percutidos). Estes por sua vez podem ser classificados de duas maneiras: Quanto à sua Altura – Definida ou Indefinida; Quanto à sua Família – Peles, Madeira ou Metal. Visto em <http://magiadamusica.webnode.pt/carl-orff/instrumental-orff/> a 19-10-2016. Ver imagem em Anexo 10.

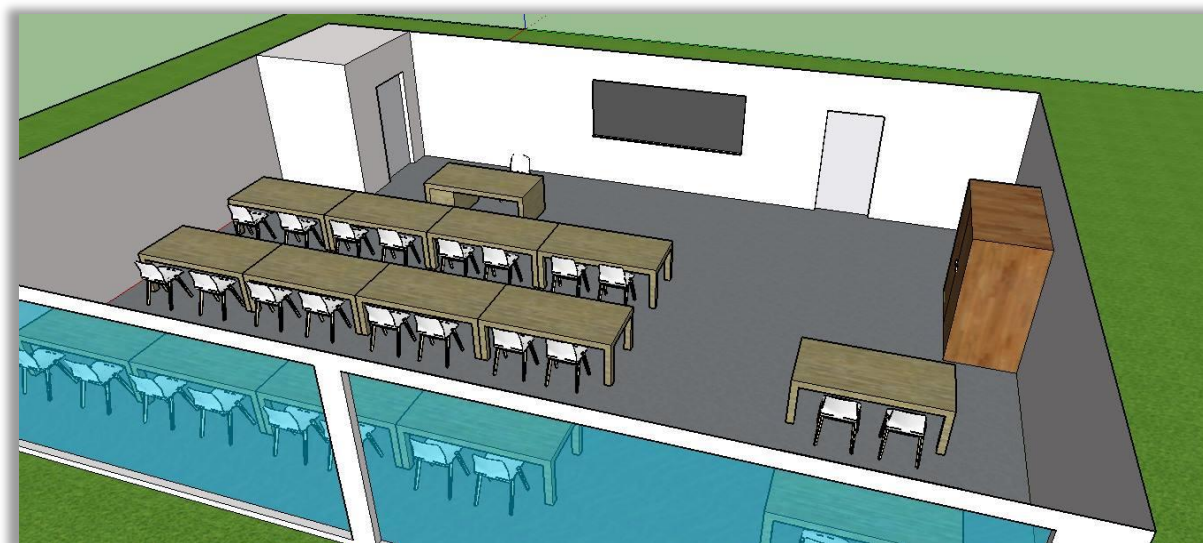


Figura 7 – Planta da sala de aula do 2ºCEB⁸

3º Ciclo do Ensino Básico

Na escola E,B 2e3 de S. Torcato sucede o mesmo que na escola referida no ponto anterior quanto à existência de uma única sala de Educação Musical para toda a comunidade escolar, facilitando a gestão e organização do material musical. A sala (Figura 8) era composta por doze mesas e, em cada uma, era possível sentarem-se dois alunos. Além disso, a sala era rasgada por três janelas de grandes dimensões que possibilitavam a existência de iluminação natural em abundância. Na frente da sala havia um quadro, uma tela e um projetor ligados ao computador situado na secretária do professor. Do lado esquerdo da sala havia uma porta que dava acesso a uma pequena sala, onde estava disposto todo o material musical que a escola detinha. Nesta pequena sala, podíamos encontrar instrumental Orff como xilofones e metalofones, dez guitarras, um teclado e alguns instrumentos de percussão.

Na prática desenvolvida, pude constatar que esta escola, comparativamente às outras, detém um leque mais diversificado de instrumentos musicais, assim como mais material de apoio às aulas de música.

⁸ Maquete elaborada por Vasco Pinto.



Figura 8 - Planta da sala de aula do 3º CEB⁹

Caracterização das turmas

1º Ciclo do Ensino Básico

A turma do 4º ano da Escola Básica de Vila Boa, localizada na freguesia do Rego, era composta por dez alunos. Destes dez, seis eram raparigas e quatro eram rapazes com idades entre os nove e os dez anos (Gráfico 1). Os alunos eram todos naturais da freguesia e todos provinham de famílias estáveis. Na maioria dos casos, os pais estavam empregados, principalmente na área da agricultura e da construção civil.

Uma vez que eram poucos alunos, existia espaço para atividades mais interessantes, sem preocupação com o comportamento, pois, os mesmos tinham um comportamento exemplar quer dentro ou fora da sala de aula.

⁹ Maquete elaborada por Vasco Pinto.

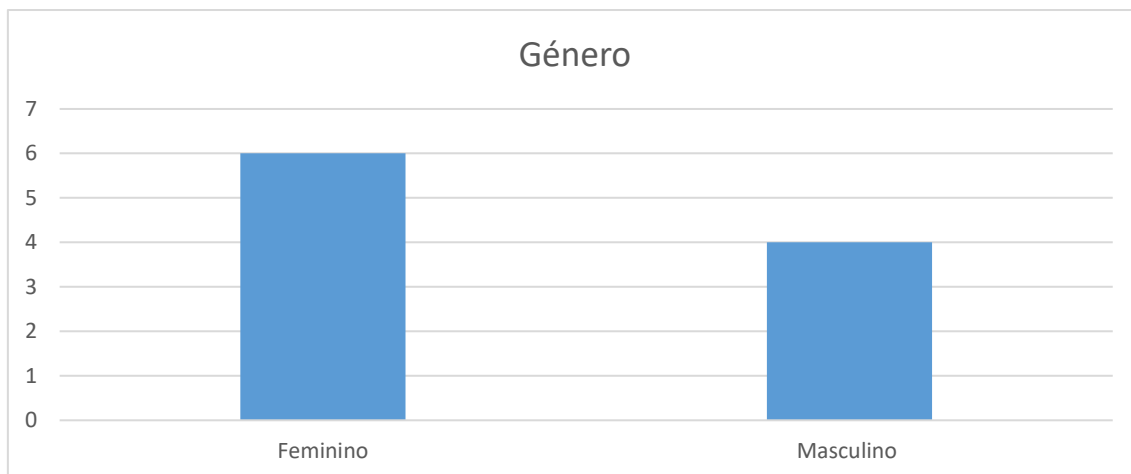


Gráfico 1 – Relação de género da turma do 1ºCEB

2º Ciclo do Ensino Básico

A turma do 5º D da Escola Básica e Secundária de Celorico de Basto era constituída por dezoito alunos que eram, na sua maioria, naturais do centro do concelho. Destes, dez eram do sexo masculino e oito eram do sexo feminino com idades compreendidas entre os nove e os onze anos (Gráfico 2). Neste grupo, estavam inseridos dois alunos, que eram retidos e que, apesar desse fator, demonstravam um comportamento desadequado fomentador de constantes repreensões. De um modo geral, a turma apresentou-se bem comportada e receptiva às atividades propostas.

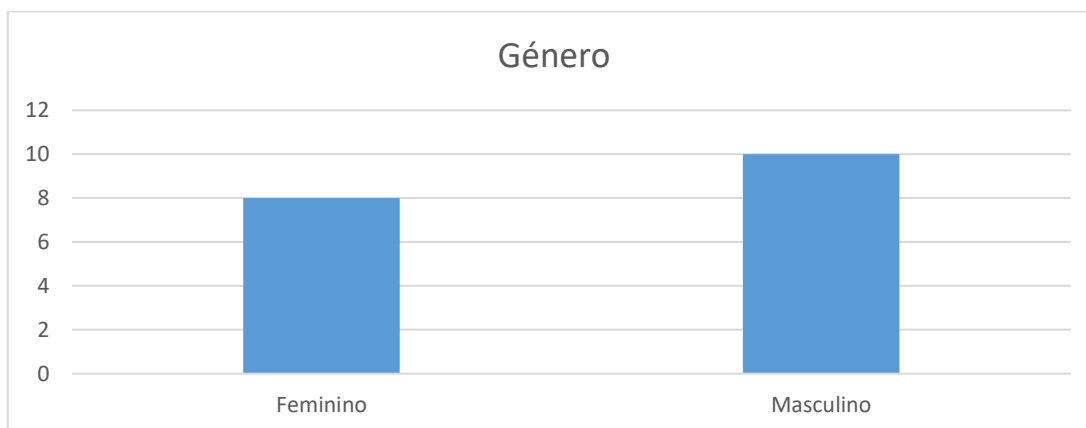


Gráfico 2 – Relação de género da turma do 2ºCEB

3º Ciclo do Ensino Básico

A turma do 7º C da escola E,B 2e3 de S. Torcato era composta por dezanove alunos. Destes, nove eram do sexo feminino e dez eram do sexo masculino com idades variadas entre os doze e os dezasseis anos (Gráfico 3).

Este grupo era bastante indisciplinado, não se mostrando interessado pelas atividades propostas sendo, na minha perspetiva, um reflexo de se tratar de um conjunto de alunos retidos. Apesar de ter tomado conhecimento que alguns destes alunos só frequentam a escola pela sua obrigatoriedade e de que esse fator se tornou num desafio muito mais árduo, para mim, verifiquei que se esforçaram para colaborar comigo.

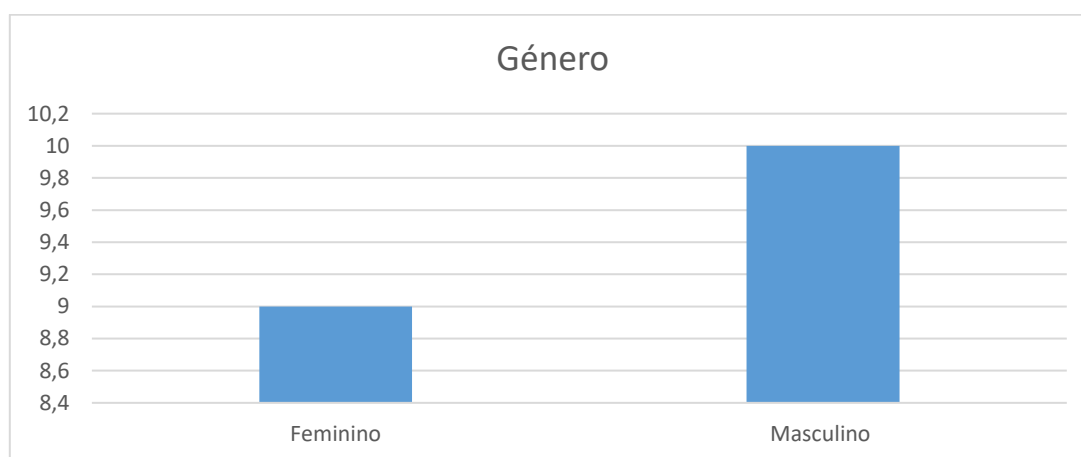


Gráfico 3 – Relação de género da turma do 3ºCEB

Capítulo II

Quadro teórico e conceptual

Quadro teórico e conceptual

A importância da música no quotidiano

A música é sem dúvida uma das artes que rodeiam o nosso dia-a-dia e a nossa vivência como seres humanos pelo que, na minha perspetiva, se tornou uma das bases da nossa sociedade.

O conceito de sociedade é para Anthony Giddens “(...) um sistema de inter-relações que envolve os indivíduos coletivamente” (Giddens, 2001 em Líbano, 2012, p. 11). Para Henriques (2003) ela é também “ (...) uma rede de instituições culturais, cívicas, religiosas, sociais e económicas, sobrepostas por laços mútuos e entrosadas por múltiplos micro-poderes” (Henriques, 2003, p. 135). Toda esta rede de instituições molda o nosso comportamento e a nossa forma de pensar, uma vez que somos influenciados por diferentes tipos de informação. Tudo aquilo que aprendemos, aquilo que estudamos, aquilo que ouvimos, influencia-nos e transforma-nos todos os dias.

Na perspetiva de Lucy Green (2001) há três grupos sociais que se destacam, sendo eles a classe social, a etnia e o género. Estes são grupos em que a sociedade se forma e que nos moldam. Nós somos o espelho daquilo que vivemos e daquilo que aprendemos e por essa razão “a relação entre sociedade, grupos sociais e cultura torna-se assim evidente porque “as culturas não podem existir sem sociedades mas, do mesmo modo, nenhuma sociedade pode existir sem cultura” (Green, 2001, p. 22). Para Telmo Caria “cultura é uma construção social e histórica capaz de produzir uma identidade coletiva inscrita numa relação social com “o outro”, resultante de miscigenações variadas”. Para este autor cultura é também “uma prática social indissociável da análise das dimensões simbólicas do social, e nunca uma prática social divorciada das construções simbólicas dos atores sociais, ou vice-versa”. Dando continuidade a esta perspetiva, o autor refere ainda que “cultura é uma reflexividade que começa por se expressar no uso de saberes práticos na interação social e por isso não parte apenas da produção e expressão discursivas” (Caria, 2008, p. 751). São três perspetivas que definem bem o conceito de cultura e que reforçam a ideia de que os grupos sociais e a relação das instituições e dos indivíduos é que geram o conceito de sociedade e consequentemente o de cultura.

A nossa cultura e a nossa sociedade são completamente influenciadas pela música, pois em todos os meios mediáticos a mesma existe. Na rádio, na televisão, na internet, a música pode ser ouvida nos telemóveis, nos *tablets* e em todos os outros meios de

comunicação e informação. Cada vez mais os programas infantis são recheados de músicas apelativas que captam a atenção das crianças. Para Kivy (2002) “Esta forma de arte, cuja origem remonta às primeiras civilizações da história da humanidade, tem vindo a evoluir ao longo da sua existência, apresentando-se atualmente na grande variedade de géneros com os quais a sociedade contemporânea está familiarizada, assim como na grande diversidade de áreas para as quais tem sido adotada, para além do entretenimento (Ex: educacionais, terapêuticas, religiosas, comerciais). Uma das ideias mais antigas e prevalentes na história da música é de que existe uma ligação especial entre a música e as emoções” (Kivy, 2002 em Ramos, 2014, p.17).

Grande parte do nosso quotidiano, principalmente no entretenimento, é composto por música. Esta encontra-se tão enraizada nos cidadãos que, muitas vezes, ao ouvirmos um pequeno *jingle* conseguimos identificar um produto, um conceito ou até mesmo, uma história completa. Um dos exemplos desse fenómeno é a publicidade que, sendo maioritariamente constituída por música, consegue criar uma emoção e um conhecimento instantâneo a quem está ouvir.

No mundo da tecnologia já é habitual haver aplicações para os *smartphones* ou *tablets* que contêm elementos musicais que se tornam reconhecidos ao ouvido. Há também épocas do ano que são caracterizadas por elementos sonoros ou, até mesmo, músicas específicas que nos despertam diferentes emoções.

Na minha perspetiva, são estas emoções que fazem com que cada vez mais cedo os alunos formem a sua identidade musical no seio de um ou mais, géneros musicais. Assim considero que o professor de Educação Musical deve ter a capacidade de ir ao encontro dessa identidade como forma de despoletar motivação nos alunos. Neste sentido, considero também importante o que defende o compositor e pedagogo Shinichi Suzuki de que a música deve estar sempre presente no ambiente familiar tal como a linguagem, podendo passar a ser um momento de união para a família. Este autor vai de encontro à teoria de que a sociedade influencia a cultura e vice-versa uma vez que a aprendizagem é um reflexo do ambiente a que a criança está exposta e por consequência a música encontra-se ligada a esse ambiente também Ilari (2011).

A importância da música na sala de aula é para mim, não só uma consequência dos fatores descritos anteriormente, mas também, pelos fatores basilares como sendo o desenvolvimento pessoal e social dos alunos, no meio em que se inserem, pois molda o indivíduo no seu crescimento.

A importância da música no ensino

“Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às quatro horas da tarde... Ninguém nasce professor ou é marcado a ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática”.
(Freire, 1991, p.58)

No Currículo Nacional do Ensino básico é-nos descrito que “a música é um elemento importante na construção de outros olhares e sentidos, em relação ao saber e às competências, sempre individuais e transitórias, porque se situa entre polos aparentemente opostos e contraditórios, entre razão e intuição, racionalidade e emoção, simplicidade e complexidade, entre passado, presente e futuro” (Currículo Nacional do Ensino Básico, 2001, p. 165). Para Silva (2012) a música é uma área transdisciplinar que pode desenvolver outras áreas do ensino, sendo que com ela se torna mais fácil o aluno compreender as transformações socioculturais às quais a música está associada e viajar para diferentes contextos sociais, históricos e estéticos. Ao cantar músicas na língua materna, ou noutras línguas, o aluno está a desenvolver a linguagem e a capacidade verbal. “Com as canções, a criança pode aprender os aspetos musicais, como também perceber melhor a sua língua materna (estrangeira (s), numa fase mais avançada) e ainda saber interpretá-la e usá-la corretamente” (Silva, 2012, p. 26).

Outro exemplo é a utilização da música com o movimento que desenvolve as suas capacidades físico-motoras e até a capacidade de coordenação e raciocínio. Também a título de exemplo, a utilização da música com as novas tecnologias, através da exploração de *software* de edição de áudio e/ou de vídeo, promove não só o desenvolvimento cognitivo, como também, o das capacidades tecnológicas. Citando Silva, 2012, “ (...)a música tem a capacidade de reunir as diversas áreas do conhecimento e do saber. Quando escuta e canta, a criança desenvolve capacidades ao nível da linguagem. Quando dança e toca, explora e desenvolve a motricidade. Quando constrói instrumentos, adereços de suporte à música ou à dança, desenvolve a área plástica, bem como outras áreas de expressão artística.” (Cardoso, 2013, p.35).

Willems (1970, p. 12) refere na sua obra que a música deve ocupar um lugar importante no ensino dos alunos, uma vez que “enriquece o ser humano pelo poder do som e do ritmo, pelas virtudes próprias da melodia e da harmonia; eleva o nível cultural pela nobre beleza que emana das obras-primas; dá consolação e alegria ao ouvinte, ao executante e ao compositor”. Tudo isto não significa que todos os alunos se tornem músicos profissionais ou virtuosos instrumentistas. Muitas vezes o papel da música no ensino é desenvolver as capacidades cognitivas mas também trazer ao aluno um certo equilíbrio.

Todos os conteúdos musicais podem associar-se a aprendizagens e competências importantes para a formação pessoal do aluno. As pulsações, a atenção auditiva, as emoções e sentimentos e o raciocínio cognitivo são alguns exemplos que podem desenvolver outras capacidades. A autodisciplina, paciência, sensibilidade, coordenação, e a capacidade de memorização e de concentração são valorizadas com o estudo da música.

A este respeito, Hummes (2004) reporta um estudo realizado por Bresler (1996) em três escolas americanas, abrangendo as quatro vertentes do ensino das artes (música, teatro, dança e artes visuais) e em que se registaram as quatro orientações seguintes:

- As artes como orientação social, que constroem a comunidade, servindo de elo entre a comunidade e a escola (presente em ocasiões comemorativas, como o Natal, o Dia do Pai);
- As artes, ao serviço das disciplinas académicas, contribuindo para a aquisição de conhecimentos noutras áreas;
- As artes como orientação, como autoexpressão, centrada no aluno. Os professores, mesmo sem qualquer formação artística, deixam que os alunos criem livremente em busca da sua autoexpressão. Este momento de criação pode também servir como momento de relaxamento;
- As artes como disciplina com conhecimentos e competências específicas, exigindo um professor com formação especializada nesta área.” (Cardoso, 2013, p.27).

Por outro lado, a música no currículo é também perspectivada numa interação forte com outras áreas do saber: das ciências humanas e sociais às ciências físicas e naturais, das línguas à matemática; das tecnologias à expressão e educação físico-motoras, às outras artes. Isto é, para além dos saberes específicos inerentes à aprendizagem artístico-musical, o mundo da Música,

como cultura e como arte performativa, é uma rede de dependências e interdependências. Potenciar este seu caráter múltiplo e complexo é uma exigência que interpela os educadores, os estudantes, as escolas e as políticas (Figueiredo e Vasconcelos, 2002, p.17).

A música tem uma característica muito similar à linguagem e uma vez que a linguagem é algo tão familiar e tão indispensável na vida do aluno, porque não trazer para sala de aula uma música que seja familiar e indispensável. Para Gordon (2000), “embora a música seja uma literatura e não uma linguagem, as crianças aprendem música de uma forma muito semelhante à que aprendem a língua” (Gordon, 2008, p. 8). Associando, mais uma vez, a música à linguagem, o aluno, pode sentir-se mais confortável, na sala de aula, se o professor “falar a sua linguagem musical”, ou seja, se o professor for de encontro aos seus gostos e à sua identidade musical.

Música do Quotidiano na Sala de Aula – a sua importância no incremento da motivação

Ao longo dos meus anos de carreira, fui-me deparando com o facto que muitos professores de Educação Musical, com os quais me cruzei, consideram que a música que os alunos ouvem rádio, na televisão ou no computador não é adequada á utilização na sala de aula, justificando com o facto de ter pouco significado artístico e de não fazer parte do gosto pessoal do docente. Na minha perspetiva esta justificação é infundada, uma vez que, não só o significado artístico carece de relatividade, como também, denota-se, nestes professores, desinteresse pelo gosto musical e pessoal dos próprios alunos.

Como refere Lucy Green (2000) “Nos últimos anos, mais de 94% das vendas de discos, em todo o mundo, são de música popular em geral e apenas 3,5% são de música clássica e 1,5% de música jazz. Atendendo a que a música popular é exatamente isso – popular, é que a sua origem e desenvolvimento acontece fora de qualquer sistema formal de ensino, julgo que os educadores poderiam dar mais atenção a este tipo de música e daí tirar algum benefício para si e para os seus alunos, analisando com mais profundidade, valorizando aprendizagens daí decorrentes e as atitudes e valores dos que a ela se dedicam. Se continuarmos a ignorar este género de práticas, atitudes e valores, corremos o risco de afastar a educação musical daquele brilho e entusiasmo que diariamente atrai tantos músicos e ouvintes para a música popular. Por outro lado, um maior conhecimento e talvez uma certa adaptação às formas de aprendizagem musical informal dentro dos sistemas formais da educação, possa fazer com que mais jovens possam beneficiar de uma educação musical” (Green, 2000, p.67).

Visto que, a música popular ou Pop¹⁰ se torna a mais consumida por parte dos jovens, de todo o mundo, é extremamente importante que ela tenha um papel significativo dentro da sala de aula e no ensino da música, uma vez que, um aluno do 2ºCEB provavelmente já ouviu e é conhecedor, até àquela data, de muita música e muita formas artísticas.

“Frequentemente, uma grande distância separa a música “popular” da música denominada “séria” ou “erudita”. “No entanto, não se podem confundir questões de

¹⁰ “Pop music” é um diminutivo de “popular music”. “O termo ‘Popular music’ na língua inglesa, cujo significado abrangente se encontra hoje internacionalmente difundido, é utilizado nos discursos corrente e académico. (...) Tal como a história do termo em Portugal pode revelar, o termo ‘popular music’ resiste a uma definição unitária e rígida No entanto, associa-se a processos de produção massificada e de transformação da música numa mercadoria, produzida e comercializada pelas indústrias culturais, concretamente pela indústria da música.” (Castelo-Branco e Cidra, 2010, p. 875)

validade com questões de género, em música. No fenómeno pop, há uma grande produção de segunda ordem, mas também há composições que têm grande valor. O professor terá de saber escolher. De qualquer modo, será mais positivo integrar do que recusar.” (Wuytack & Palheiros, 1995, 108). Claro que nem tudo tem que se basear na música que as crianças ouvem na rádio ou no seu *tablet*. Tem de haver um filtro por parte do docente para que use, na sala de aula, os melhores exemplos da música que os jovens e crianças mais gostam.

Segundo Graça Palheiros (2003), Swanwick e Lawson afirmam que “a música na escola parece possuir um estatuto pouco elevado, o que já acontecia em décadas anteriores (Pitts, 2000). Face à divergência entre a música na escola e fora dela, é comum criticar-se o currículo e os professores por não irem ao encontro das necessidades dos alunos (Ross, 1995). No entanto, o ensino não é o único responsável por esta situação. A vida musical rica e variada que ocorre diariamente fora da escola, envolvendo os jovens e a comunidade, é um fenómeno positivo. A escola precisa de estar consciente do seu lugar relativo nas sociedades contemporâneas, a par de outros agentes de socialização, como a família, os pares, os media, a comunidade”¹¹.

Estou consciente que o assunto a que me refiro exigia uma mudança no currículo bastante profunda e teria que mudar as mentalidades de muitas pessoas. No entanto, esta Prática de Ensino Supervisionada fez-me notar que alguns dos manuais, principalmente o do 2ºCEB, com qual trabalhei já tentam adaptar algumas músicas do quotidiano e de um estilo mais familiar para os alunos, não se focando tanto na música erudita e clássica.

“A função do professor não é “destruir” a relação da criança com a música (que se possa considerar errónea por comparação ao adulto), mas proporcionar um constante questionamento que promova maneiras renovadas de olhar a música” (Godinho, 1993, p.15) sendo que o professor tem um grande papel na forma como a disciplina de música é apresentada. Para os autores Graça Palheiros e David Hargreaves (Palheiros e Hargreaves, 2001, cit. em Líbano, 2012, p. 14) um dos motivos que pode explicar a fraca popularidade da disciplina de Educação Musical entre os alunos do 3º ciclo do Ensino Básico é a continuada existência de professores formados na tradição “clássica” que, de uma forma consciente ou inconsciente, se consideram mais compositores e intérpretes do que professores. É importante que os professores comecem a olhar para o quotidiano dos alunos, para a sua cultura e para a sua identidade musical e conduzam a aula de Educação

¹¹ Como referido no artigo da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal “A Banda Pop em sala de aula: uma proposta de metodologia em Educação Musical” de Carlos Barreto Xavier.

Musical mais nesse sentido para que a sala de aula da disciplina de Educação Musical seja um espaço de alegria, movimento, conhecimento e, acima de tudo, de aprendizagem. “Considero importante que os professores de Educação Musical reflitam sobre a hipótese de quebrarem fronteiras culturais, que olhem para o cotidiano musical dos alunos e que se proponham a “conduzir” o processo de ensino/aprendizagem através deles” (Líbano, 2012, p. 20).

A música do cotidiano pode tornar-se uma ferramenta importante na motivação dos alunos, dentro da disciplina de música, tornando-a mais acessível e mais chamativa.

“Como motivar o aluno adolescente para a disciplina de Educação Musical? Esta é uma questão muito subjetiva, pois depende dos alunos que se nos apresentam, das suas vivências pessoais, familiares, sociais, das suas personalidades, dos seus gostos musicais, etc., não havendo uma resposta óbvia e fácil para a mesma” (Pimentel, 2016, p.17).

Um dos fenómenos mais interessantes que pude constatar na minha PES foi que muitos alunos não se mostravam interessados pela disciplina de Educação Musical. No entanto, mostravam um grande interesse por ouvir música uma vez que quase todos tinham telemóveis com auscultadores e caminhavam para a sala de aula com eles nos ouvidos. Constatei então que o desinteresse seria pela disciplina de Educação Musical e não pela música. Fui ouvindo os exemplos, que os alunos sugeriam e consegui juntar uma lista com alguns temas para apresentar à turma. Para mim, uma das competências mais importantes na função docente é envolver os alunos na organização dos conteúdos, proporcionando-lhes uma participação mais ativa e assim incrementar motivação.

Definindo motivação nas palavras de Madeira e Mateiro “trata-se de um procedimento cognitivo que desperta, impulsiona e conduz o ser humano a persistir em seus objetivos, guiando sua atenção e o auxiliando na busca e no desenvolvimento de suas ações até alcançar o que foi almejado. Essa vontade de poder fazer as coisas pode ser justificada por necessidade, desejo, interesse e/ou impulso, já que, de acordo com Falcão (1989), as razões que geram a atração por algo variam de pessoa a pessoa e de sua relação com o meio” (Madeira e Mateiro, 2013, p.68).

A motivação do aluno na sala de aula depende de vários agentes, sendo eles, o professor, o próprio aluno, a sala de aula e também o ambiente em que o aluno está

inserido. Para que os alunos tenham a capacidade de persistir nos seus objetivos e alcançar o que por eles foi almejado, como referem as autoras acima, tem de haver uma grande preparação por parte do docente. Em muitos momentos, da minha carreira profissional, vivenciei outros docentes a proclamar palavras como “hoje os alunos não fizeram nada do que lhes pedi” ou “hoje não consegui dar aula, os alunos não correspondiam às minhas atividades”. Por estas razões, outra das competências importantes na função de docente é ter a capacidade de fazer com que os alunos se dediquem e comprometam com as suas atividades.

Green (2002) defende que a música deve ser trabalhada pelo professor em conjunto com os alunos e na sua metodologia apresenta cinco princípios básicos. Sendo eles:

1º- "Aprendizes escolhem a própria música, aquela que já lhes é familiar, que gostam e fortemente se identificam com ela".

2º- "A principal prática informal de aprendizagem envolve tirar 'de ouvido' as gravações".

3º- "Não somente o aprendiz é um autodidata, mas especialmente, a aprendizagem acontece em grupo" (de forma consciente ou não, aprende-se entre amigos e colegas por meio de discussão, observação, audição e imitação entre eles).

4º- "Aprendizagem informal envolve a assimilação de habilidades e conhecimentos de forma pessoal, frequentemente casual, de acordo com as preferências musicais, começando com a noção do todo da música do “mundo real” (no formal, os jovens seguem uma progressão do simples ao complexo).

5º- "Por todo o processo de aprendizagem informal, há uma integração entre audição, execução, improvisação e composição, com ênfase sobre a criatividade." (no formal, a ênfase está na reprodução e na separação das habilidades) (Green, 2002, p.65).

De acordo com Gonçalves (2010) os alunos motivados revelam “pensamentos e comportamentos que otimizam o seu desempenho académico” como, por exemplo, “tomar iniciativas, enfrentar o desafio ou utilizar estratégias de resolução de problemas” (Gonçalves, 2002, p. 20). Os alunos motivados “exprimem também afetos positivos face à aprendizagem, como entusiasmo, curiosidade e interesse. Estes são os alunos que farão um percurso escolar mais longo, aprenderão mais e sentir-se-ão melhor consigo mesmos”. Os alunos desmotivados “são apáticos, não se esforçam, desistem facilmente, usam frequentemente as mesmas estratégias inoperantes e mostram-se irritados” (*Idem*). É de

grande importância que o professor saiba cativar e motivar os alunos pois o percurso escolar pode ser levado de uma maneira diferente.

Capítulo III

Ação Educativa

1º Ciclo do Ensino Básico

Nas aulas assistidas, deparei-me com um número reduzido de alunos dentro da sala de aula, algo a que não estava habituado, pois sempre exerci funções de docente em turmas, com número elevado de alunos conforme a lei vigente. No entanto, uma turma mais pequena pode significar melhor qualidade de ensino e de aprendizagem.

Na preparação das aulas, a primeira dificuldade com que me deparei foi a carência de orientações programáticas, talvez por se tratar de uma AEC. Porém, existia uma planificação anual¹² de todos os conteúdos a abordar. Além disso, também não existia nenhum manual de apoio como nos outros ciclos em que realizei a minha PES, dificultando, assim, a planificação das aulas. Contudo, estas dificuldades foram por mim ultrapassadas em grande medida, devido ao facto de já exercer funções de docente neste agrupamento, nomeadamente, nas AEC.

As minhas aulas assistidas tiveram início em novembro, altura em que a turma estava a preparar uma pequena apresentação para a festa de Natal, interpretando o tema “Vem que está a chegar o Natal”. Nesta fase, a minha função foi a de auxiliar o professor cooperante, tocando piano, uma vez que o seu instrumento era a guitarra. Até ao findar do primeiro período apenas foi trabalhada a canção para a festa de Natal.

No segundo período escolar, coube-me a mim lecionar. Pelo que foi determinado em reuniões de articulação, no mês de janeiro teriam que ser abordados os instrumentos tradicionais portugueses, além da composição de uma música alusiva às Janeiras.

Na planificação das aulas, em primeiro lugar pretendi abordar os instrumentos tradicionais através da visualização de um vídeo e apresentação de um PowerPoint. Contudo, houve a necessidade demonstrada, por parte da professora titular de turma, de abordar, em primeiro lugar, a composição da música alusiva às Janeiras que veio a ser utilizada para o tradicional “cantar dos reis”. Na abordagem desse tema, incumbi os alunos de fazer uma pesquisa junto dos pais e avós ou familiares de canções relativas à época em questão, dado o meio marcadamente rural em que se encontra a escola inserida e onde as Janeiras e o Cantar dos Reis são tradição. Como referido no capítulo II deste documento “cultura é uma construção social e histórica capaz de produzir uma identidade coletiva inscrita numa relação social com “o outro”, resultante de miscigenações variadas” (Caria, 2008, p. 751). Sendo que me baseei na importância do quotidiano do

¹² Ver Planificação em anexo 9.

aluno no ambiente de sala de aula foi importante envolver a comunidade escolar nas nossas atividades. Dessa pesquisa, resultou a canção (Figura 9) que a escola utilizou naquele ano para assinalar a época e, dessa forma, perpetuar a tradição.

A canção, embora simples, tinha uma melodia muito rica, o que facilitou a aprendizagem por parte dos alunos. Para além disso, quando percorremos a freguesia a cantá-la, grande parte dos habitantes reconhecendo-a, juntaram-se a nós para cantá-la.

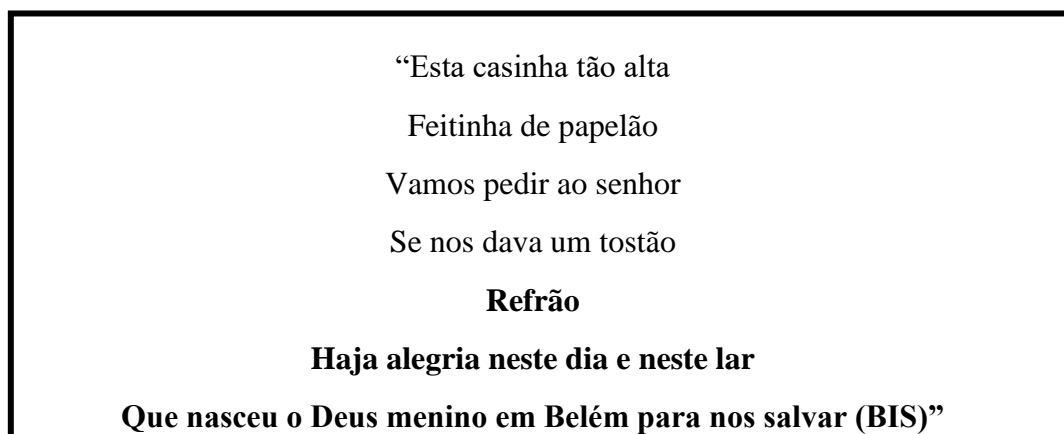


Figura 9 – Trecho da canção utilizada para o cantar das Janeiras¹³

Este é apenas um pequeno trecho da canção que utilizámos para marcar a tradição das janeiras.

Findo o tema anterior, deu-se início à abordagem dos instrumentos tradicionais e suas principais famílias com a apresentação de um PowerPoint (Figura 10) que incluía vídeos alusivos ao tema (Figura 11). No entanto, na minha opinião, mais importante que ver os instrumentos é ouvi-los para um melhor reconhecimento dos mesmos.

¹³ Figura representativa da canção utilizada para o cantar dos reis. Esta canção chegou á minhas mãos através de um familiar de um aluno da turma.



Figura 10 – Exemplo de slide do PowerPoint sobre os instrumentos tradicionais¹⁴



Figura 11 – Exemplo de um vídeo acerca dos instrumentos tradicionais¹⁵

Na abordagem do tema, e por sugestão do professor cooperante, uma das estratégias de aprendizagem utilizadas foi apresentar aos alunos o maior número de instrumentos tradicionais para que estes pudessem ter contacto físico com os mesmos e para que os alunos obtivessem um conhecimento mais vasto sobre o tema. Assim, das aulas fizeram partes os seguintes instrumentos: bombos, pandeiretas, uma concertina e um bandolim.

Importante mencionar que o ensino das AEC é articulado de forma horizontal com o professor titular. No entanto, esta organização não foi uma surpresa para mim, uma vez que já tinha lecionado estas áreas neste agrupamento nos dois anos letivos anteriores. Considero, assim, que a disciplina de Educação Musical, bem como as outras Áreas de

¹⁴ Demonstração do *PowerPoint* que criei para apresentar os instrumentos tradicionais.

¹⁵ Imagem faz parte de um vídeo utilizado para mostrar aos alunos os instrumentos tradicionais retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=owMkMnV2kng>.

Enriquecimento Curricular complementam as outras matérias lecionadas pelo professor titular, assim como as outras matérias dos professores das AEC.

No decorrer do mês de fevereiro, surgiu a necessidade de ser criada uma canção para a escola participar no concurso nacional “Heróis da Fruta¹⁶”. O objetivo principal era utilizar um instrumental à escolha, dos diversos que foram facultados pelos promotores do concurso numa plataforma *online* disponibilizada para o efeito, e criar uma letra alusiva à importância da fruta e à alimentação saudável. A candidatura foi submetida na plataforma e valeu um prémio de participação pelo trabalho apresentado.

A atividade seguinte, a ser programada, foi a do Carnaval. Nesta, foi-nos solicitada a preparação de uma canção para apresentar aos pais durante o desfile. Assim, a canção escolhida foi o “Um mundo de sonhos” do Batatoon¹⁷ e esta foi apresentada com um pequeno arranjo simples para a flauta de bisel, onde consegui trabalhar as figuras musicais e a leitura de pauta.

Ao longo desta PES, o meu principal objetivo visou sempre inserir a teoria musical em todas as atividades propostas, pois o ensino nas AEC deve ser mais orientado para uma vertente lúdica. No entanto, tal não significa que não se possa enriquecer os conhecimentos cognitivos dos alunos em simultâneo.

Na planificação anual da disciplina para o mês de março estava previsto o ensino dos instrumentos de orquestra, a sua formação e a forma como eles são tocados. Assim, para o ensino do tema em questão, utilizei uma apresentação em *PowerPoint* para demonstrar aos alunos quais eram os instrumentos que constituíam uma orquestra e como estes se organizavam. Utilizei vídeos como apoio para demonstrar aos alunos, para além dos instrumentos em si, a forma como eram tocados e a sua posição na orquestra. No entanto, e com todo o meu pesar, não houve a possibilidade de mostrar uma grande variedade de instrumentos, pois estes não existiam na escola, sendo apenas possível mostrar um violino.

No momento em que apresentei aos alunos os instrumentos da orquestra, resolvi que o próximo tema a ser abordado na flauta de bisel, teria que ser mais clássico. Assim,

¹⁶ “Heróis da Fruta - Lanche Escolar Saudável” é um projeto da APCOI - Associação Portuguesa Contra a Obesidade Infantil que pretende lançar às escolas um desafio que promove o combate à má nutrição das crianças. Ver mais em: <http://www.heroisdafruta.com/2000/01/importancia-de-comer-fruta.html#.WCYjyfmLTIU>. Ver anexo 2.

¹⁷ A música “Um mundo de sonhos” é retirada do álbum “Batatoon”. Esta música fez parte da banda sonora do programa Batatoon, programa infantil transmitido de 1998 a 2002 pela TVI. A música pode ser conferida em https://www.youtube.com/watch?v=CfNVtT_lBg.

escolhi o “Hino da Alegria”, retirado da Nona Sinfonia de Beethoven¹⁸, e o tema “A Primavera” uma das quatro estações de Vivaldi¹⁹ (Figura 12). Esta última era alusiva à estação do ano que estávamos a viver.



Figura 12 – Partitura da peça “La Primavera” de Vivaldi²⁰

Reflexões e conclusões

Confesso que a minha PES neste ciclo de ensino se revelou de mais fácil concretização, pois é onde desenvolvo a minha atividade profissional, inclusivamente, neste Agrupamento. Todo o sistema da articulação horizontal e todas as temáticas abordadas faziam parte do meu dia-a-dia e da minha vida profissional. O que sucede muitas vezes numa aula de Educação Musical no 1ºCEB é o seguinte: o professor tem formação teórica/ académica e por esse motivo, torna-se mais difícil conceber uma aula desassociada de conteúdos programáticos, enquanto as aulas das AEC's, por norma, têm um cariz mais lúdico/expressivo, não existindo um programa estabelecido, que deva ser cumprido, como ocorre nos outros ciclos de ensino

Aos alunos das AEC é exigido, frequentemente, um grande conhecimento das matérias que estão a ser lecionadas. No entanto, estas Atividades de Enriquecimento

¹⁸ Ludwig van Beethoven (1770-1827) foi um compositor alemão. A "9.ª Sinfonia" foi a obra que o consagrou em todo o mundo. Em 1814, foi reconhecido como o maior compositor do século. Visto em <https://www.ebiografia.com/beethoven/> a 13-10-2016.

¹⁹ Antonio Vivaldi (1678-1741) foi compositor e músico italiano. Seu concerto "As Quatro Estações", para violino e orquestra, no qual pode ser ouvida a peça “Primavera”, é a mais popular de suas composições. Além de importante compositor de óperas, também atuou como regente, cenógrafo e empresário. Vivaldi faz parte da galeria dos mestres da música universal. Visto em https://www.ebiografia.com/antonio_vivaldi/ a 13-10-2016.

²⁰ Imagem retirada de <http://anaprofemusic.blogspot.pt/2012/02/la-primavera-antonio-vivaldi.html> a 20-03-2013.

Curricular têm como principal proposta uma componente mais lúdica e de complementaridade com as outras matérias lecionadas. Por esta razão, não pode ser exigido a um aluno do 1ºCEB que frequenta a AEC de Música, o mesmo que é exigido a um aluno de Conservatório.

O professor deve lembrar-se que acima de tudo esta é uma componente letiva em que a frequência não é obrigatória e que, na maioria das vezes, ocorre ao fim do dia, em que o aluno já está saturado, por esta razão, o desafio do professor é criar atividades e estratégias de vertente lúdica, mas que em simultâneo desenvolva as capacidades cognitivas dos alunos.

No decorrer da minha PES, confesso que, na minha primeira abordagem comecei por desenvolver conteúdos teóricos no entanto, ao pesquisar mais sobre o tema música do quotidiano na sala de aula, direcionei a planificação das aulas mais centradas nessa temática. Desde logo, notei diferenças na resposta dos alunos às atividades e, por conseguinte, um melhor envolvimento na aula e nas atividades propostas.

Outro ponto, muito importante na disciplina de Educação Musical no 1ºCEB é a articulação horizontal que deve existir com os outros docentes, principalmente com o professor titular de turma. Por esse motivo é que todas as atividades têm de ser devidamente programadas em reuniões de articulação com a presença de todos os intervenientes deste processo educativo. De notar, que o professor de música não tem obrigatoriamente de cumprir aquilo que lhe é proposto nas reuniões de articulação. Na maioria das vezes, esta articulação apenas promove a preparação das atividades escolares de maior relevância, havendo espaço para o professor criar as suas próprias atividades da forma que mais lhe for conveniente.

O ponto negativo que posso apontar é a falta de planificação, embora, ofereça ao professor mais liberdade, intensifica o seu trabalho na preparação das aulas, pois todas as estratégias de aprendizagem têm de ser planeadas sem qualquer suporte, o que fomenta a existência de diferentes modos de praticar o ensino da música no 1º CEB.

Penso que, de um modo geral, consegui trazer a estes alunos algo positivo, através das atividades desenvolvidas, além disso, o *feedback* recebido foi bastante positivo e sem dúvida que incrementei a motivação dos alunos.

2º Ciclo do Ensino Básico

Ao contrário do que sucedia no ciclo anterior, ao assistir às aulas do 2º CEB, verifiquei que existia um manual adotado: «Play 6» da Porto Editora²¹. O manual era o suporte para todas as aulas, não existindo margem para outros tipos de exercícios, nem para outras matérias. Na perspetiva de Morgado o manual é um utensílio importante na sala de aula mas o professor não pode “refugiar-se num papel meramente técnico, limitando-se a debitar os conteúdos curriculares” (Morgado, 2004, p. 29). Na perspetiva de Viseu “a utilização do manual como fonte de conhecimento é realçada por Zabalza (1992), para quem, os professores quando planificam não trabalham diretamente com os programas mas sim com os manuais que funcionam como guias de estruturação das suas aulas. Nesta perspetiva, os manuais são utilizados como material curricular predominante na estruturação e condução de uma aula (Pacheco, 1995)” (Viseu, 2009, p.3180). Refere também o mesmo autor que “uma forma de contrariar a existência de uma cultura do manual escolar nas práticas dos professores passa pelo trabalho em equipa na produção de materiais curriculares e por uma maior autonomia curricular de modo a poderem aproximar o programa à escola e aos seus alunos”. O manual compõe apenas uma série de sugestões e cabe ao docente segui-lo religiosamente ou fazer dele mais um recurso para melhorar a transmissão de conhecimentos.

Certamente que a minha função era dar continuidade à metodologia usada, visto que o desafio também passava por adaptar-me a todo o tipo de método de ensino. O instrumento primordial era a flauta, no entanto, devido às condições que a escola propunha, havia lugar à utilização de outros instrumentos como as maracas, o jogo de sinos e o xilofone.

De referir que uma das atividades que o professor cooperante, na maioria das aulas promovia, era colocar no fim das aulas todos os alunos a cantar (técnica também por mim utilizada enquanto professor das AEC). No entanto, ele usava o jogo *SingStar*²² para tornar essa atividade mais interessante, estimulando os alunos a focarem-se na afinação e dicção, pois o jogo no fim mostrava a pontuação de cada atuação. As músicas utilizadas, nesse jogo, eram as músicas comerciais mais atuais. Esta atividade inspirou a minha

²¹ O manual Play 6 – Educação Musical 6º ano da Porto Editora (2014) dos autores Jonas Araújo, Célia Louro e Tito Santos

²² *Singstar* é um dos jogos de canções mais famoso de todos os tempos. Foi lançado em 2004 originalmente para a *Playstation 2*.

abordagem com aquela turma. Passei a utilizar músicas também atuais para abordar os conteúdos que estavam programados para aquele espaço de tempo.

Na primeira aula que lecionei, revi a matéria teórica, nomeadamente as figuras musicais e a sua duração, com a prática de exercícios rítmicos e ditados. Revi as notas na flauta e na pauta musical com o apoio do professor cooperante e revimos algumas das peças que os alunos tinham interpretado antes de eu começar a assistir às aulas.

A partir da segunda aula, comecei a utilizar uma abordagem mais pessoal e a promover a música do dia-a-dia dentro da sala de aula. Desta forma, questionei os alunos sobre a música e/ou artistas com os quais eles gostariam de trabalhar nas aulas de Educação Musical e a resposta foi unânime: os D.A.M.A.²³. Atento à escolha do artista, neste caso, da banda, utilizei umas das suas músicas mais conhecidas “Balada do Desajeitado²⁴” (Figura 13) para fazer uns arranjos musicais, permitindo reavivar as figuras musicais e as pausas, o compasso quaternário, o canto e a projeção vocal. Verifiquei que esta experiência teve um impacto enorme no desempenho e na motivação dos alunos para aquela disciplina, uma vez que a turma estava acostumada a executar os exercícios que o manual propunha.



Figura 13 – Partitura do arranjo para a música “Balada do Desajeitado”²⁵

²³ O grupo é composto por Francisco Maria Pereira, Miguel Coimbra e Miguel Cristovinho e destacam-se por sonoridades diferentes e pela empatia com o público nos seus concertos. Ver foto e biografia em anexo.

²⁴ A música foi editada a 2014 no álbum “Uma questão de princípio” pelo grupo D.A.M.A. Visto em <https://www.youtube.com/watch?v=DcfSEevjE>.

²⁵ Partitura elaborada por mim.

É importante considerar que uma das principais prioridades do ensino da música seja motivar os alunos para a sua compreensão, através da sua história e da sua diversidade, principalmente se considerarmos que a música é uma arte. Atendendo ao facto que a metodologia utilizada estava a apresentar bons resultados relativamente à aprendizagem dos alunos, e em concordância com o professor cooperante, optámos por recorrer a músicas mais apelativas e não nos focando tanto no manual adotado.

Uma vez que 2º CEB não é o ciclo escolar no qual eu exerço habitualmente a minha função de professor, nem sempre considerei fácil a tarefa de planificar/planear as diferentes estratégias de ensino-aprendizagem. Verifiquei pela minha experiência profissional que no 2º CEB não há necessidade de acompanhar outras disciplinas como no 1ºCEB ou até mesmo planificar atividades nas épocas de festa como Natal, Carnaval, Páscoa ou outras datas relevantes. No 2º CEB torna-se mais importante cumprir o programa, tentando transmitir aos alunos os conteúdos programáticos. Apesar dos obstáculos sentidos, penso que superei as dificuldades.

Um dos conteúdos a ser lecionado este ano letivo foi o instrumental Orff. A proposta do manual adotado consistia em mostrar aos alunos os instrumentos e os respetivos sons. Contudo, uma vez que a sala de aula estava equipada com xilofones, metalofones, jogo de sinos, pandeiretas e bongós, optei por compor uma pequena peça musical, utilizando uma música dos D.A.M.A para que os alunos pudessem tocar os instrumentos e assim promover uma aprendizagem mais rica, profunda e estimulante. A música utilizada foi um *riff* da melodia “Luísa²⁶” que originalmente é feito com um assobio. Assim, fiz um arranjo para os xilofones baixo, jogos de sinos e as flautas. Esta atividade foi recebida pelos alunos com muito entusiasmo, pelo que considero que foi relevante o facto de ter dado a conhecer estes instrumentos à turma. Tive, no entanto, o cuidado de utilizar o manual adotado, em pelo menos duas aulas aquando da planificação para que esta turma não se diferenciasse das outras. Assim, recorri ao manual na lição da escala diatónica de dó, tendo utilizado a música “Everybody Knows (except you)” (Figura 14) de Neil Hannon²⁷, uma vez que esta canção utiliza, na sua melodia a escala diatónica de dó maior por ordem crescente. Embora não seja uma música tão familiar para os

²⁶ A música foi editada a 2014 no álbum “Uma questão de princípio” pelo grupo D.A.M.A.

²⁷ A música faz parte do álbum “A Short Album About Love” de 1997. Visto em <http://www.allmusic.com/album/a-short-album-about-love-mw0000032694>. Ver fotografia e pequena biografia do cantor em anexo

alunos, não deixa de ser uma música ouvida no dia-a-dia com um instrumental bastante interessante e com elementos que facilitaram a adesão dos alunos.

Ouve o seguinte excerto da canção **“Everybody knows (except you)”** da banda **The Divine Comedy** e canta o refrão. Conseguiu reconhecer a escala utilizada?

Everybody knows (except you)

Neil Hannon

A B C B C A

Professor - CD1 - Faixas 9, 10 e 11 - Aluno - Faixa 3
Unidade 1, Exercício 6, p. 4

PL

A

VOZ

E - very - bo - dy knows that I love you E - very - bo - dy knows that I need
you E - very - bo - dy knows that I do ex - cept you

B

FLAUTA

Figura 14 – Página do manual Play 6 com a partitura da música “Everybody Knows”²⁸

No ensino, a utilização deste tipo de canções para uma aprendizagem mais estimulante e motivadora tem o benefício de dar espaço ao professor para inserir nas suas aulas música clássica sem que os alunos se sintam entediados. Por esse motivo, utilizei mais uma vez, “A Primavera” de Vivaldi (Figura 12), tal como no 1ºCEB, porque a maioria dos alunos não tinha tido contacto nem com a peça nem com o autor.

As planificações das aulas também foram orientadas no sentido de lecionar a teoria musical que viria a ser objeto de uma ficha de avaliação para que o professor cooperante, no final do período escolar, pudesse aceder aos conhecimentos dos alunos e proceder às suas avaliações. A ficha de avaliação foi elaborada com o professor cooperante, tendo esta incidido sobre as figuras musicais e suas pausas, o reconhecimento

²⁸ Imagem retirada do livro Play 6 da Porto Editora.

dos instrumentos Orff, o reconhecimento auditivo dos sons graves e agudos e o reconhecimento de algumas notas na pauta²⁹. Considero que foi uma ficha de avaliação acessível a todos e que conseguiu obter muito bons resultados. Quanto à avaliação prática, esta foi feita ao longo do período pelo professor cooperante enquanto assistia às aulas que eu lecionava.

Reflexões e conclusões

Existe, na área do ensino, uma significativa diferença entre os professores que já detêm alguns anos de experiência profissional, com aqueles que estão a começar a sua carreira profissional. O que acontece, frequentemente, é que o professor com mais experiência profissional, tende a desinteressar-se por novas atividades e novos métodos de ensino, enquanto, que o professor que está a iniciar a sua carreira “tem sede” de novas técnicas e novas formas de cativar e motivar os alunos. Esta questão poderá relacionar-se com a adoção do manual, pois ao limitar-se aos conteúdos e atividades do manual, o professor não tem a necessidade de pesquisar novos conteúdos.

Não posso deixar de referir que uma das minhas maiores dificuldades no 2º ciclo foi a adaptação ao manual, uma vez que este não existe no 1º ciclo, onde normalmente leciono. Contudo, considero que contornei esta dificuldade, pois utilizei sempre as minhas metodologias com a anuência e com o apoio do professor cooperante. Importa referir que o professor cooperante, desde o início, me deu liberdade para planear as aulas, desde que, como é óbvio, os conteúdos fossem todos abordados. O que foi para mim, uma mais-valia, pois não me sentia “preso” ao manual.

Esta planificação mais liberal e distanciada do manual trouxe aos alunos algo inovador para a disciplina de Educação Musical o que se traduziu numa maior motivação. Muitas vezes, os alunos questionavam-me “o que vamos aprender hoje professor?” ou “que música é que vamos cantar?” e estas questões, na minha opinião, também são uma forma dos alunos expressarem o seu interesse. Por outro lado, a adoção da música do quotidiano na sala de aula, também se revelou um fator determinante no fomento da motivação.

²⁹ Ver a ficha de avaliação em Anexo 6.

Outro aspeto, que estimulou o interesse dos alunos, para além de gostarem da música em questão, tinha a ver com o fato de quererem saber tocá-la, quer na flauta, quer no xilofone e poderem partilhar o que aprenderam na sala de aula com os seus familiares. Por outro lado, o núcleo familiar também se aproxima da realidade escolar do aluno, nomeadamente, no que se refere à disciplina de Educação Musical

Esta aproximação dos alunos e da comunidade à disciplina de Educação Musical pode torná-la mais apelativa e pode dar-lhe mais importância no meio escolar. Pode também desmistificar o estigma a que a disciplina muitas vezes está associada e que, no meu ver, não pode estar mais longe da realidade.

Ao longo da minha PES consegui sentir uma maior aproximação e interesse pela disciplina de Educação Musical, pese embora, o curto período de tempo que trabalhei com estes alunos, pelo que na minha opinião, o desenvolvimento do conceito de música do quotidiano na sala de aula, sendo utilizado de uma forma mais constante, pode traduzir-se em grandes mudanças na disciplina de Educação Musical

Na minha PES, optei por adotar uma metodologia do professor cooperante, que acolhia bastante aceitação junto dos alunos, que consistia em pedir aos alunos da turma para cantarem no final de todas as aulas. Para esta atividade, usei o programa *Singstar*, uma vez que as aulas eram das 08h30 às 10h00 verifiquei que os alunos ficavam mais relaxados e bem-dispostos para enfrentarem melhor o resto do dia.

3º Ciclo do Ensino Básico

No início das aulas assistidas, nesta turma, deparei-me com um cenário assustador: os alunos eram pouco interessados e tinham bastantes dificuldades de aprendizagem, além de um mau comportamento. Além disso, devido ao facto das aulas serem essencialmente teóricas, poucos cantavam e poucos tocavam flauta durante as aulas. Por esse motivo, e depois de ter falado com o professor cooperante, tentei implementar um ensino mais prático.

No sentido de tentar melhorar as aprendizagens dos alunos, e, tendo em consideração os problemas que estes apresentavam, tentei reduzir o uso excessivo que se dava ao manual adotado, no entanto o professor cooperante não concordou e não consentiu, tendo manifestado a sua intenção de continuar a lecionar as aulas tendo por base o manual.

No período escolar em questão, os conteúdos a serem lecionados incidiam sobre a música tradicional portuguesa e a música pop-rock³⁰. Assim, na primeira aula, adotei a técnica do 2ºCEB, começando por rever as notas e as figuras musicais, de forma a ter perceção da prática musical da turma em geral, aproveitando para introduzir atividades rítmicas e melódicas baseadas na multimédia. Na minha opinião, esta estratégia resultou muito bem, porque motivou os alunos para as aprendizagens das atividades musicais. Os ritmos utilizados na atividade foram retirados do livro “100% Música³¹” e funcionavam como *karaoke*. Os alunos utilizaram as palmas das mãos, os pés e os joelhos e tornou-se um estímulo para eles.

Nas aulas seguintes, fui ao encontro daquilo que o professor cooperante me transmitiu, lecionando a música tradicional portuguesa. Assim, na primeira atividade, apresentei um *PowerPoint* (Figura 10) onde se podiam visualizar diversos instrumentos tradicionais. Também utilizei vídeos (Figura 11) para que os alunos reconhecessem os sons de cada um dos instrumentos apresentados. Um dos meus objetivos foi sem dúvida o de colocar os alunos em contacto com o maior número de instrumentos tradicionais possíveis. Contudo, devido à falta de recursos, só me foi possível mostrar um bandolim. No fim da aula, procurei que os alunos cantassem uma canção tradicional, tendo optado

³⁰ Rock é um termo utilizado como uma sub-categoria da música pop. É uma redução da palavra “Rock and rol” que apareceu pela primeira vez na década de 60 quando foi usado para descrever novos estilos de música pop que estavam em desenvolvimento por volta de 1965 nos Estados Unidos da América e na Grã-Bretanha. (Middleton, 2002)

³¹ 100% Musica - Educação Musical - 5º ano – Manual de António Neves, Jorge Domingues e David Amaral. Texto Editores. 2012.

por “Alecrim” (Figura 15), que considero ser uma música simples e adequada para uma turma como esta com dificuldades a nível de flauta.



Figura 15 – Partitura da peça “Alecrim”³²

Quanto à música tradicional, tentei dar a conhecer canções de várias partes do país para que os alunos tivessem um conhecimento mais aprofundado deste tópico, e optei por utilizar um exercício de identificação auditiva. Houve, a partir desse exercício, uma saudável troca de informações com os alunos que atuavam em ranchos folclóricos e que complementaram este tema com informações das suas experiências.

O próximo tópico trabalhado foi o estilo pop-rock e o objetivo foi o de abordar um pouco da história deste estilo musical. Dei a conhecer aos alunos algumas das bandas mais importantes que marcaram este género a nível nacional, como os Xutos e Pontapés³³, os Rádio Macau³⁴, os GNR³⁵ e a nível internacional os Guns N Roses³⁶, Nirvana³⁷ e Bon

³² Imagem retirada de <http://tempodecrescertempodeaprender.blogspot.pt/2012/12/karaoke-flauta-de-bisel.html> a 30-03-2013.

³³ Formado em 1978, o grupo original integrava os músicos José Pedro Reis (Zé Pedro), Carlos Ferreira (Kalú), António Santos (Tim), José Leonel (Zé Leonel) que saiu em 1981. Atualmente, para além dos três primeiros já mencionados, fazem parte da banda João Cabeleira e Carlos Nascimento (Gui). (Félix, 2010).

³⁴ Rádio Macau é uma banda de pop/rock portuguesa formada nos anos 80 pelos membros Alberto Garcia, Alex Cortez, Filipe Valentim, Flak, Fred Ferreira, Luís San-Payo, Samuel Palitos e Xana. Visto em <https://www.discogs.com/artist/932131-R%C3%A1dio-Macau> a 15-10-2016.

³⁵ Os GNR são uma banda formada no Porto, nos anos 80, com os membros Tóli César Machado, Rui Reininho e Jorge Romão. Visto em https://www.facebook.com/pg/osgnr/about/?ref=page_internal a 15-10-2016.

³⁶ Guns N Roses são uma banda americana formada em 1985 na cidade de Los Angeles. Visto em <https://www.discogs.com/artist/124535-Guns-N-Roses> a 15-10-2016.

³⁷ Nirvana foi uma banda formada em 1987 e fez parte do movimento *Grunge* que prevaleceu no início da década de 90. Os membros que a compuseram, até ao seu término em 1994, foram Dave Grohl, Georg Ruthenberg, Krist Novoselic, Kurt Cobain. Visto em <https://www.discogs.com/artist/125246-Nirvana> a 15-10-2016.

Jovi³⁸. Depois, optei por trabalhar duas canções no âmbito desta temática. Aproveitei as ferramentas do manual “100% Música” que tinha atividades com as músicas “Por quem eu não esqueci”³⁹ (Figura 16) e “Knocking on heavens door”⁴⁰(Figura 17). Estas atividades juntavam o canto e um arranjo para a flauta simples e que ia de encontro às capacidades dos alunos da turma. O manual trazia um instrumental para ambas as músicas, no entanto optei por utilizar o piano para acompanhar os alunos no canto e na flauta por achar que seria positivo terem a noção auditiva da progressão harmónica das canções.

Figura 16 – Exemplo do exercício multimédia com a peça “Por quem eu não esqueci”⁴¹

³⁸ Bom Jovi são uma banda que teve início nos anos 80 e que se tornou uma das mais famosas do estilo Hair/Glam Metal. Os seus membros são David Bryan, Jon Bon Jovi e Tico Torres. Visto em <https://www.discogs.com/artist/124541-Bon-Jovi> a 15-10-2016.

³⁹ A música faz parte do álbum “De Um Tempo Ausente” da banda Sétima Legião editado em 1989. Visto em https://www.discogs.com/S%C3%A9tima-Legi%C3%A3o-De-Um-Tempo-Ausente/master/123835_a_15-10-2016. Ver letra e acordes em Anexo 7.

⁴⁰ A canção é a versão da banda Guns N Roses retirada do álbum “Use Your Illusion II” do ano 1991. Visto em https://www.discogs.com/Guns-N-Roses-Use-Your-Illusion-II/master/9586_a_15-10-2016.

⁴¹ Imagem retirada do livro Play 6 da Porto Editora, representando o arranjo musical para a música “Por quem eu não esqueci”.

não, designando-se, respetivamente, por **elementos repetitivos e contrastantes**. CD1 - 27 e 28 07 K-7

Knockin' on Heaven's Door Forma: **INTRODUÇÃO 16** **A** **B₁** **A** **B₁** **B₂**

A

B₁

Knock knock knock - kin' on hea - ven's do - or Hey hey hey hey Knock knock
 knock - kin' on hea-ven's do - or Hey hey hey hey Knock knock knock - kin' on hea - ven's do
 -or Hey hey hey hey Knock knock knock - kin' on hea - ven's do - or Knock knock

B₂

knoc-kin' on hea-ven's do-or Hey hey hey hey Knock knock knock-kin' on hea - ven's do - or Knock knock or

CA Pág. 9 - K 23

Figura 17 – Exemplo do exercício multimédia com a peça “Knockin on Heaven’s Door”⁴²

Quando comecei a utilizar o piano, o professor cooperante chamou-me à atenção para o facto de existir, naquela escola, um programa artístico, havendo assim muitos alunos que sabiam tocar guitarra. Uma vez que a sala de aula estava equipada com algumas guitarras, achei interessante pôr esses mesmos alunos a auxiliar-me com as guitarras. Uma vez que a guitarra é um instrumento que domino com facilidade, foi-me muito fácil guiar os alunos a nível de acordes e ritmos para a interpretação daquelas duas canções. Trabalhâmo-las durante algumas aulas, tendo-me ficado clara a ideia de que os alunos estavam muito mais atentos e motivados, pois sentiam que faziam parte de um grupo em que todos tinham uma função importante. Uns tocavam guitarra, uns tocavam flauta e outros cantavam. Todos os que inicialmente estavam desinteressados, começaram a participar com gosto e vontade.

O sucesso desta atividade chamou a atenção do professor cooperante que me pediu para apresentar uma atividade no Dia da Arte com aquela turma no final de ano. Achei a proposta muito interessante e acedi à mesma. Infelizmente, por motivos que me são alheios, não foi possível criar essas apresentações. No entanto, trabalhamos as duas

⁴² Imagem retirada do livro Play 6 da Porto Editora, representando o arranjo musical para a música “Knockin on Heaven’s Door”.

músicas acima mencionadas e acrescentamos ao nosso alinhamento a música “Dunas”⁴³, por ser uma música à qual os alunos, que tocavam guitarra, tinham mais preparação.

Reflexões e Conclusões

A escola de S. Torcato é das únicas do norte do país que oferece a disciplina de Educação Musical no 3ºCEB e isto faz-se notar quando estamos a lecionar esta disciplina nesta escola, pois, os alunos não estão interessados, não vêm a disciplina da mesma forma que veem as outras e aqui o papel do professor é muito importante. O professor pode deixar-se levar pelo pensamento dos alunos e fazer com que a disciplina se torne o mais banal e inútil possível, ou pode fazer dela algo com que os alunos se entusiasmem e se apliquem.

Quando iniciei as aulas de visualização deparei-me com o primeiro cenário acima descrito, os alunos não estavam motivados e numa grande parte por culpa de não executarem aquilo que, no meu ponto de vista, é o mais importante na disciplina de Educação Musical: cantar e tocar um instrumento. Nesse sentido, quando propus aulas práticas, notei desde logo, uma alteração no comportamento e atitude dos alunos, tendo recebido diversas sugestões musicais para trabalhar na sala de aula, inclusivamente, de alunos considerados problemáticos.

Muitas vezes a receita para o sucesso do professor não está na profundidade académica das atividades propostas mas sim da proximidade que elas têm com os alunos.

Este ciclo de ensino foi o que mais me surpreendeu, em primeiro lugar, por ser o mais distante da minha zona de conforto, pois fez com que eu pesquisasse mais atividades e estratégias. Em segundo lugar, porque consegui cativar e motivar alunos que não se mostravam, inicialmente, motivados para ao ensino da música e que viam a disciplina como mais uma num vasto horário de aulas. Orgulho-me de ter conseguido transmitir conhecimentos e cativar alunos, utilizando músicas atuais. Inicialmente tive receio, que o comportamento dos alunos pudesse vir a ser uma dificuldade, mas com o decorrer das

⁴³ A música é retirada do álbum “Os Homens Não Se Querem Bonitos” da banda GNR em 1985. Visto em <https://www.discogs.com/GNR-Os-Homens-N%C3%A3o-Se-Querem-Bonitos/master/241156> a 15-10-2016. Ver letra e acordes em Anexo 8.

aulas, deparei-me com alunos respeitadores, motivados, empenhados e interessados, sem querer ser presunçoso, ávidos de conhecimento musical.

Do meu ponto de vista, é de facto de lamentar que a disciplina de Educação Musical não se prolongue para o 3º CEB em Portugal, pois poderia tornar-se numa disciplina com a qual os alunos se identificassem e os deixasse com um brilho nos olhos como me deixava a mim quando tinha esta idade.

Conclusão

No início deste estudo, acreditava, que o facto de já deter experiência na docência facilitaria a minha Prática de Ensino Supervisionada. Todavia, veio a revelar-se o oposto, uma vez que, as atividades a desenvolver tinham que ser adaptadas ao ciclo em questão principalmente, os exercícios em sala de aula e o próprio diálogo com os alunos. Neste aspeto, esta experiência desafiou-me a ser um professor com um “ouvido” mais atento às necessidades e preferências dos alunos.

O objeto de estudo deste projeto, a música do quotidiano, surgiu com a minha vivência e experiência enquanto docente e pela observação diária, nas distintas práticas desenvolvidas, dentro e fora da sala de aula. Outro aspeto impulsionador deste tema foi a influência e orientação que me foi inculcada no decorrer da minha Prática de Ensino Supervisionada pelo meu orientador Professor Ricardo Nuno Chéu Figueira Líbano.

Pude notar que o foco do aluno, para a matéria a ser lecionada, é sobejamente superior quando a ela se interliga, um conteúdo diretamente do seu interesse, como músicas do seu repertório preferido. Além disso, a convivência e partilha de saberes, com outros docentes da área, que exteriorizavam a mesma opinião, incentivou-me, ainda mais, a adotar este método, regularmente, no ensino da música e na planificação das aulas.

Na orientação deste estudo, procurei associar a música que os alunos ouvem no seu quotidiano, ao contexto de ensino na sala de aula, fomentando a motivação e a valorização da identidade musical de cada aluno. Através desta abordagem, a assimilação dos conteúdos programáticos por parte dos alunos, obteve resultados significativos que importa destacar. No entanto, saliento que o enfoque deste projeto, não pretende desmerecer outras influências musicais que possam ser atendidas na planificação das aulas. Nesse sentido, o objetivo deste projeto assenta nas potencialidades que os gostos musicais dos alunos acarretam para o ensino da música, surgindo como uma opção aos modelos habituais de ensino, como disso são exemplos, os manuais.

Pretendo que este estudo seja, acima de tudo, um meio dinamizador de uma alternativa aos modelos habituais de ensino, através do qual, podem ser alcançados bons resultados, assim como, demonstrar que o professor deve procurar sempre novos caminhos.

Bibliografia

Cardoso, A. C. S. (2013). *O ensino especializado da música como promotor da aprendizagem*. Dissertação de Mestrado em Supervisão Pedagógica e Formação De Formadores. Universidade de Coimbra.

Caria, T. (2013). *O uso do conceito de cultura na investigação sobre profissões*. Departamento de Economia, Sociologia e Gestão, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Av. Almeida Lucena, 1, 5000-660, Vila Real, Portugal.
e-mail: tcaria@utad.pt.

Currículo Nacional do Ensino Básico Competências Essenciais. Ministério da Educação. Departamento de Educação Básica.

Dourado, O. (1997) *O modelo da Educação Musical no Brasil: um drama em três atos incongruentes*. Pesquisa em Sociologia da educação Musical. Lucy Green Ilza Nogueira Revista nº 4

Figueiredo, I. e Vasconcelos, A (2002) *A Música no ensino básico: por uma prática artística sustentada*. Revista de Educação Ensino nº 25.

Freire, P. (1991). *A Educação na cidade*. São Paulo. Cortez Editora.

Giddens, A. (2001). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gonçalves, L. S. (2010). *Estratégias de motivação educacional: Orientações para o ensino e aprendizagem*. Tese de Mestrado em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores. Universidade de Coimbra.

Green, L. (2000). *Poderão os professores aprender com os músicos populares? Música, Psicologia e Educação*, (2). Porto: CIPEM, ESE do Porto.

Green, L. (2001). Music in society and education. In C. Philpott, & C. Plummeridge (ed), *Issues in Music Teaching* (pp. 47-60). New York: RoutledgeFalmer.

Green, L. (2002). *How popular musicians learn: a way ahead for music education*. London: Ashgate.

Hargreaves, D. (1999). Desenvolvimento musical e educação no mundo social. *Revista Música, Psicologia e Educação - CIPEM* - nº 1.

Henriques, M. C. (2003). *O que há de novo na sociedade Civil?* Nação e defesa. Nº106, 2º série. Pp. 135-151.

ILARI, B., (2011). *Shinichi Suzuki - a educação do talento*. Pedagogias em Educação Musica. Curitiba. Ed. IBPEX.

Jaffurs, S. (2006). *The Intersection of informal and formal music learning practices*. International Journal of Community Music 4. Pp 1-29.

Líbano, R. N. C. F. (2012). *Prática de ensino supervisionada de ensino da Educação Musical no Ensino Básico*. Tese de Mestrado. Escola Superior de Educação de Bragança. Bragança: Portugal.

Madeira, A. E. C. e Mateiro, T. (2013). *Motivação na aula de música: Reflexões de uma professora*. Percepta – Revista de Cognição Musical. Curitiba.

Morgado, J. C. (2004). *Manuais escolares: contributo para uma análise*. Porto. Porto Editora.

Pimentel, F. R. (2016). *A educação musical e o desafio de ensinar música a adolescentes*. Tese de Mestrado em Ensino da Educação Musical no Ensino Básico. Escola Superior de Educação de Coimbra.

Pinto, A. (2004). *Motivação para o estudo de Música: Factores de Persistência*. Revista Música, Psicologia e Educação, nº 6.

Ramos, J. R. M. (2014). *O efeito da música na relação entre marca e consumidor*. Tese de Mestrado em Publicidade e Marketing na Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.

Silva, P. C. (2012). *A música como veículo promotor do ensino e aprendizagens*. Tese de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

Shafer, M. (1991). *O Ouvido Pensante*. São Paulo: Unesp.

Viseu, F.; Fernandes, A.; Gonçalves, M. I. (2009). *Atas do X Congresso Internacional Galego Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho.

Willems, E. (1970). *As bases psicológicas da educação musical*. Suíça: Promúsica.

Wuytack, J. & Palheiros, G.B. (1995). *Audição Musical Activa – Livro do professor*.

Porto: Associação Wuytack de Pedagogia Musical.

Anexos

Anexo 1 – Canção Das Janeiras

Esta casinha tão alta
Feitinha de papelão
Vamos pedir ao senhor
Se nos dava um tostão

Refrão

**Haja alegria neste dia e neste lar
Que nasceu o Deus menino em Belém para nos salvar (BIS)**

Nesta a noite de natal
Noite de tanta alegria
Que nasceu o Deus menino
Filho da virgem Maria

O senhor por ser senhor
Nasceu num triste palheiro
Deixou cravos deixou rosas
E um fino travesseiro

Se nos hão-de dar os reis
Não estejam a demorar
Nós somos de muito longe
Temos muito para andar

Obrigados meus senhores
Pela vossa simpatia
Para o ano voltaremos
Com amor e alegria

Anexo 2 – Canção criada para o concurso “Heróis da Fruta”

Heróis da fruta

Esta á a história de uma banana

Linda, amarela toda dourada

Andava sempre com a pêra

Mas ao almoço ela não agrada

Ficam tristes por não

Fazer parte da refeição

A criança é tão astuta

Que faz deles heróis da fruta

E agora que heróis são

Todos querem um pedaço

A banana agora desfruta

Porque é um herói da fruta

Vou comer

Fruta boa á refeição

Já não mais desculpa

Porque somos heróis da fruta

Anexo 3 – Canção “Luísa” interpretada pelos alunos do 2º CEB

Sei que não sou o único que te aborda
Mas quero ser aquele que te acorda, não me importa
Que evites, que grites, que piques
Que digas que eu sou isto e aquilo
Vivo no vacilo, porque sei o que é preciso
Para tu corares, prestares, olhares e pensares
Que queres ficar comigo

Desculpa o embaraço de invadir o teu espaço
Estou aqui há 2 minutos e só te quero nos meus braços
Nem sei o que tens, quando vens fico bem
E não há mais ninguém que eu queira
E tu sabes que eu adoro as tuas vaidades
Que de mim só ouves verdades
Luísa, eu preciso de ti, faço tudo para ficar contigo

Vi-te aqui por perto e sem ser discreto perguntei-te o nome
Sorriste, e sem hesitar pedi-te o telefone
Subiste-me o ego, mas guardei segredo
E falamos por horas, Luísa
Quero te encontrar, o que é que eu faço agora?

Quero dizer-te mil coisas, Luísa
Mas tu sabes que eu não tenho juízo
Há receios que tens de anseios que eu tenho
Que é que queres que eu te diga?

E quero desvendar todos os teus mistérios
E que vejas que o que eu digo é sério
Luísa, estou cego por ti
Vou fazer com que tu sejas minha

Vi-te aqui por perto e sem ser discreto perguntei-te o nome
Sorriste, e sem hesitar pedi-te o telefone
Subiste-me o ego, mas guardei segredo
E falamos por horas, Luísa
Quero te encontrar, o que é que eu faço agora?

Anexo 4 – Informações sobre Neil Hannon.

- **Neil Hannon.**

Neil Hannon (nascido em 7 de Novembro de 1970^[1]) é um cantor e compositor irlandês que criou a banda "The Divine Comedy" no Reino Unido.

Discografia (da The Divine Comedy)

- *Fanfare for the Comic Muse* – Julho de 1990
- *Liberation* – Agosto de 1993
- *Promenade* – Março de 1994
- *Casanova* – Abril de 1996
- *A Short Album About Love* – Fevereiro de 1997
- *Fin de Siècle* – Agosto de 1998
- *A Secret History... The Best of the Divine Comedy* – Agosto de 1999
- *Regeneration* – Março de 2001
- *Absent Friends* – Março de 2004
- *Victory for the Comic Muse* – Junho de 2006
- *Bang Goes the Knighthood* – Maio de 2010



Anexo 5 – Informações sobre o grupo D.A.M.A

D.A.M.A (sigla para a expressão *Deixa-me Aclarar-te a Mente, Amigo*, estilizada como **D.A.M.A** ou **DAMA**) é uma banda portuguesa de [pop/rap](#), oriunda de [Lisboa](#), formada oficialmente em 2006. A banda atualmente é constituída por Francisco Maria Pereira (Kasha), Miguel Coimbra e Miguel Cristovinho.

Francisco Maria Pereira e Miguel Coimbra conhecem-se desde os seus seis anos, tendo sido colegas no colégio. Na aula de português começaram a escrever as suas composições em verso, resultando numa saudável competição entre os dois. Em 2008 tiveram a ideia de juntarem as suas rimas a um instrumental, nascendo, assim, D.A.M.A, inicialmente composta pelos dois e pela amiga Filipa (Pipa).

O primeiro concerto da banda foi no [Colégio de São João de Brito](#), em Lisboa. Seguiram-se várias atuações em discotecas da capital e do Estoril. Em 2011, a versão da música *Popless* dos [GNR](#), tocou pela primeira vez na rádio.


Em 2011 convidaram o amigo Miguel Cristovinho para compor um tema conjunto, *Quer*. Cristovinho acabaria por integrar o coletivo mais tarde nesse ano aproximadamente na mesma altura da saída de Pipa.

Francisco Maria Pereira estudou direito, Miguel Coimbra e Miguel Cristovinho estudaram Gestão. Com o sucesso da banda largaram tudo para se dedicarem a 100% ao projeto.^[3] Cristovinho dedica-se mais à melodia enquanto Kasha à composição das letras e Coimbra à produção.

Em 2013 apresentaram-se ao vivo em dois dos seus primeiros grandes concertos. O primeiro no palco secundário do [MEO Sudoeste](#) (Zambujeira do Mar), concerto em que eles próprios se propuseram. O segundo aconteceu nas Festas do Mar em [Cascais](#) bem perto de casa.



Anexo 6 - Ficha de avaliação 2º Ciclo do Ensino Básico

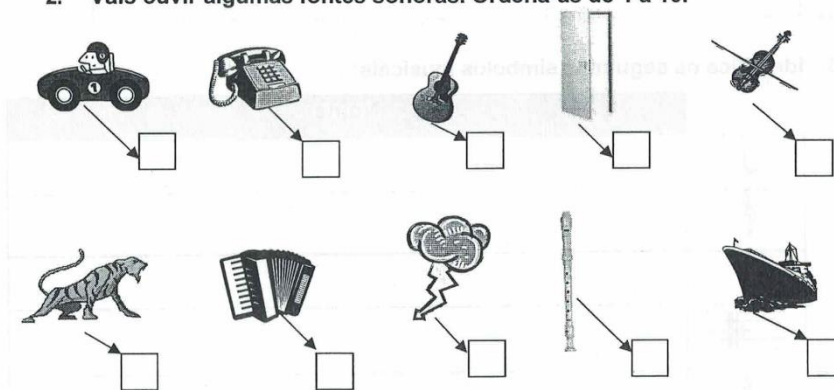
	FICHA DE AVALIAÇÃO		Educação Musical Ano letivo de 2014-15
	Nome: _____ N.º: _____		Ano: <u>5.º Ano</u> Turma: _____
	Classificação: _____		Data: ___/___/2014
	Prof. _____ / Enc. Ed. _____		

Grupo I- Ouve com atenção as audições e responde.

1. Identifica, pelo timbre, a fonte sonora:

Audição	Vozes	Corpo	Instrumentos	Materiais de natureza e de desperdício
1				
2				
3				
4				

2. Vais ouvir algumas fontes sonoras. Ordena-as de 1 a 10.



3. Vais ouvir alguns Instrumentos Musicais da sala de aula. Identifica-os, refere a família a que pertencem e a sua altura.

Audição	Nome	Família	Altura
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			







4. Identifica e assiná-la os sons agudos e graves:

Audição	Agudo	Grave
1		
2		
3		
4		

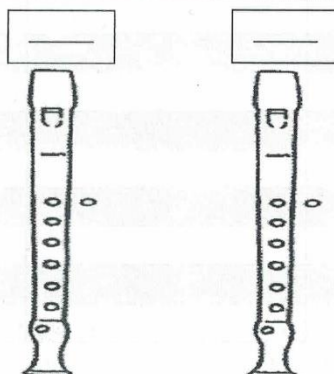
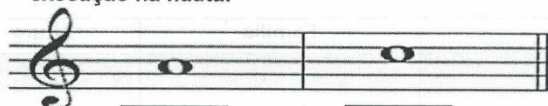
5. De acordo com a audição, assinala a intensidade correspondente.

Audição	<i>p</i>	<i>mf</i>	<i>f</i>
1			
2			
3			
4			

6. Identifica os seguintes símbolos musicais:

	Nome
	
	
	
	
4	
4	

7. Identifica as notas que estão representadas na pauta e pinta a sua execução na flauta:



BOM TRABALHO



Por Quem Não Esqueci

F **C**
Há uma voz de sempre

Dm **C**
que chama por mim

F **C**
para que eu lembre

Dm **C**
que a noite tem fim

F **C**
ainda procuro

Dm **C**
por quem não esqueci

F **C**
em nome de um sonho

Dm
em nome de ti

C **Am7/E** **F**
pro - curo à noite

G **C**
um sinal de ti

Am7/E **F**
espero à noite

G **Am**
por quem não esqueci

Am7/E **F**
eu peço à noite

G **F**
um sinal de ti

G **C**
por quem eu não esqueci

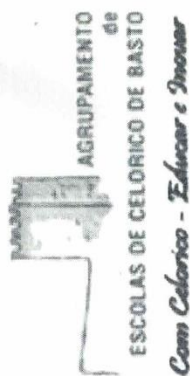
Anexo 8 – Música “Dunas” com os acordes para a guitarra

Sol mim
Dunas, são como divãs
 Dó
Biombos indiscretos de alcatrão sujo
 Ré
Rasgados por cactos e hortelãs
Sol
Deitados nas dunas
 mim
Alheios a tudo
 Dó
Olhos penetrantes
 Ré
Pensamentos lavados

Sol
Bebemos nos lábios
mim
Refrescos gelados
 Dó
Velamos segredos
 Ré
Saltamos rochedos
Sol
Em câmara lenta
 mim
Como na TV
Dó
Palavras a mais
 Ré
Na idade dos porquês

Sol mim
Dunas, são como divãs
 Dó
Quem nos visse deitado, cabelos molhados
 Ré
Bastante enrolados, sacos cama salgados
Sol
Nas dunas
 mim
Roendo maçãs
 Dó
A ver garrafas de óleo boiando vazias
 Ré
Nas ondas da manhã

Anexo 9 – Planificação anual para a disciplina de Música no 4º ano. Agrupamento de escolas de Celorico de Basto.



**Planificação
EDUCAÇÃO MUSICAL
2011/2012**

PLANIFICAÇÃO ANUAL 4º ANO

Operacionalização curricular	Competências Essenciais	Conceitos / Conteúdos	Actividades/Estratégias	Avaliação
Percepção sonora e musical	<ul style="list-style-type: none"> - Experimentar os sons corporais como forma de expressão; -Entoar canções e desenvolver a aptidão musical. -Participar em projectos que façam apelo às necessidades expressivas e criativas das crianças. -Saber escutar os ritmos pessoais: pulsação, respiração; -Exprimir vivências musicais; -Distinguir sons agudos e graves. -Enriquecer a linguagem musical; -Cantar e tocar em diferentes intensidades. -Distinguir sons agudos, médios e graves, curtos e longos. -Utilizar os instrumentos de modo criativo -Desenvolvimento auditivo 	<p>Timbre:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Instrumentos de Sopros: Flauta de Bisel - Timbres vocais corporais e instrumentais. - Ambientes sonoros - Instrumental Orff - Orquestra sinfónica - Famílias dos instrumentos (Cordas, Sopros e Percussão) - Estilos musicais <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Crescendo e diminuendo - ff, f, mf, p, pp. - Organização dos elementos da dinâmica <p>Ritmo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Adágio, Moderato, Allegro 	<p>As actividades e as estratégias são delineadas em reuniões periódicas com todos os professores responsáveis pela actividade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação directa e contínua - Assiduidade - Participação - Motivação - Material
Interpretação e comunicação				

Professores – Luís Bessa e João Teixeira



AGRUPAMENTO
DE
ESCOLAS DE CELORICO DE BASTO
Com Celorico - Educar e Inovar

Planificação EDUCAÇÃO MUSICAL 2011/2012

<p>Criação e Experimentação</p> <p>Culturas Musicais nos contextos</p>	<p>- Expressão e criação musical</p> <p>- Adquirir conceitos que enriquecem a linguagem e o pensamento musical;</p> <p>- Participar em projectos que desenvolvam capacidades expressivas e criativas.</p> <p>- Distinguir e executar música em diferentes intensidades e conhecer sinais de dinâmica.</p> <p>- Relacionar e organizar sons em experiências já realizadas.</p> <p>- Expressar e comunicar através da entoação - timbre - expressão - capacidade de inventar - reproduzir melodias;</p> <p>- Desenvolver a musicalidade;</p> <p>- Identificar texturas sonoras;</p> <p>- Distinguir cordas, sopros e percussão.</p>	<p>- Compasso binário, ternário e quaternário</p> <p>- Pausas</p> <p>- Organização dos elementos rítmicos</p> <p>- Ponto de aumentação</p> <p>Altura:</p> <p>- Sons agudos, médios e graves</p> <p>- Altura definida e indefinida</p> <p>- Notas em diferentes registos</p> <p>- Bordão</p> <p>- Textura fina e densa</p> <p>Forma:</p> <p>- Frases</p> <p>- Ostinato (rítmico e melódico)</p> <p>- Cânone</p>	
--------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

Anexo 10 – Quadro representativo do instrumental Orff e suas respectivas famílias.

INSTRUMENTOS DA SALA DE AULA – ORQUESTRA ORFF			
Altura	Família das Madeiras	Família dos Metais	Família das Peles
ALTURA INDEFINIDA	Maracas  	Triângulo  	Tambor  
	Clavas  	Guizeira  	Tamborim  
	Caixa chinesa  	Pratos  	Bongós  
	Reco-reco  	Prato suspenso  	Timbale  
	Bloco de dois sons  	Crótalos/cimbalos  	Caixa de rufo  
	Castanholas  	Pandeirola  	Pandeirola  
ALTURA DEFINIDA	Xilofone  	Metalofone  M	
		Jogo de sinos  J s	